

## **ÉTICA NA PSICANÁLISE: *FREUD, LACAN & FOUCAULT***



Rosa Meditativa é um quadro do pintor espanhol Salvador Dalí (1958). Aqui apresentada em alusão ao tema proposto, em suspenso pela expressão da Liberdade, meditativa, sutil e fortemente presente no centro da obra, mas desconexa da realidade. Desligada do mundo, mas intrinsecamente ligada a si mesma.

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO  
TECNOLÓGICO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – PPG FIL  
CURSO DE MESTRADO**

Camila Scheifler Lang

**ÉTICA NA PSICANÁLISE:  
*FREUD, LACAN & FOUCAULT***

**CAXIAS DO SUL**

**2016**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO  
TECNOLÓGICO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – PPG FIL  
CURSO DE MESTRADO**

Camila Scheifler Lang

**ÉTICA NA PSICANÁLISE:  
*FREUD, LACAN & FOUCAULT***

Dissertação de Mestrado, apresentada como requisito necessário na Obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação – Mestrado Acadêmico em Filosofia – Área de Concentração: Ética. Orientador: Professor Doutor André Brayner de Farias.

CAXIAS DO SUL

2016

L269é Lang, Camila Scheifler

Ética na Psicanálise: Freud, Lacan & Foucault / Camila Scheifler  
Lang. – 2016.

92 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa  
de Pós-Graduação em Filosofia, 2016.

Orientação: André Brayner de Farias.

1. Ética. Psicanálise. Freud. Lacan. Foucault. I. Farias, André  
Brayner de, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

*“Ética na psicanálise: Freud, Lacan & Foucault”*

CAMILA SCHEIFLER LANG

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Linha de Pesquisa: Problemas Interdisciplinares de Ética.

Caxias do Sul, 14 de setembro de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. André Brayner de Farias (orientador)  
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Paulo César Nodari  
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Fabio Caprio Leite de Castro  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

**CAMPUS-SEDE**

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – B. Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax (54) 3218 2100 – www.ucs.br

Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul – CNPJ 88 648 761/0001-03 – CGCTE 029/0089530

## DEDICATÓRIA

Ao meu filho Otto e à minha filha Isadora que me fazem cada dia melhor, por eles e para eles busco a construção de uma vida carregada de sentido e repleta de felicidade.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Marido, Paulo Roberto Lang (Beto), pelo incentivo, por favorecer que esse encontro fosse possível, por ser paciente na minha ausência e por exercer a paternagem/maternagem em todas as minhas ausências, mas acima de tudo pelo amor.

À minha Mãe, pelas incansáveis “ajudas”, por ficar com a Isadora e com o Otto em todos os momentos em que estive ausente. Por doar seu tempo cuidando de mim.

À Luana Zamboni, minha ex-aluna (no Ensino Fundamental e na Graduação) e agora colega-psicóloga por me apresentar o livro Sobre Ética e Psicanálise, de Maria Rita Kehl, mudando minha direção e orientando meu caminho.

Ao querido André Brayner de Farias, meu Orientador, por, ainda na seleção do Mestrado denunciar o brilho no olhar, transmitir serenidade e segurança e, acima de tudo, amor pelo conhecimento.

À Faculdade da Serra Gaúcha (FSG), na pessoa do Sr. Adriano Pistore, por proporcionar financeiramente a realização do Mestrado, mas, sobretudo, por impulsionar o desenvolvimento das pessoas.

Aos meus colegas da formação em Psicanálise, Sandro Stank, Kelly Bauer, Nicole Venturin Padilha e Vanessa da Silva Pinto Zaro que, mesmo entrando na minha vida ao término da produção da dissertação, tornaram possível repensá-la, assim como a própria existência.

Aos meus professores de todos os tempos, foram vocês, juntamente com meus pais, que auxiliaram no percurso do saber, do querer conhecer e do buscar a sabedoria.

Às minhas amigas, Eliane Rezzadori, Sadiana Cecatto e Eliane Lume que, de diferentes maneiras, influenciaram-me e me fizeram crescer.

Aos meus alunos da Graduação em Psicologia da FSG, que instigaram e provocaram para que eu fosse melhor, por compartilhar um saber, e, certamente, por serem pacientes comigo.

A Psicanálise, representada na pessoa da minha analista Hellen Schumacher Magnani, que possibilitou encontros...

## RESUMO

LANG, Scheifler, Camila. (2016). *Ética na Psicanálise: Freud, Lacan & Foucault*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação – Mestrado Acadêmico em Filosofia, Universidade de Caxias do Sul.

Considerando a linha de pesquisa problemas interdisciplinares de Ética, objetivou-se, na presente dissertação, a análise da relação da Ética na Psicanálise, além de apontar quais as contribuições da Psicanálise e suas implicações clínicas em duas correntes do pensamento psicanalítico – Sigmund Freud e Jacques Lacan, bem como na circunscrição dos campos de intersecção existentes entre a Ética e a Psicanálise por meio do pensamento filosófico de Michel Foucault. A partir do enfoque vertical utilizado, por meio de uma revisão bibliográfica, utilizando autores como Arendt (1992); Bauman (2016); Birman (2001); Foucault (1984); Freud (1915); Julien (1996); Junqueira (2011); Kehl (2002); Lacan (2008); Roudinesco (2007), demonstramos as diferenças sobre os tratamentos dados para a questão da Ética e da consciência moral na Psicanálise, assim como essas diferenças apresentam-se no estabelecimento de processos clínicos nos autores pesquisados. O presente trabalho supõe que a Filosofia, ao realizar a fundamentação de uma Ética, precisa se amparar em teorias que abordem o comportamento humano, tratem do funcionamento psíquico, ou mesmo de teorias acerca da psicogênese da Ética. Entende-se, sobretudo, que a Psicanálise cumpre essa função. Concluimos que a diversidade de modelos metapsicológicos, existentes na Psicanálise, produz diferenças na abordagem teórica da questão da Ética e da consciência moral, como também nos processos e nos objetivos clínicos por parte do Psicanalista. Sabe-se que os diferentes modelos clínicos guardam certa simetria no que concerne à Ética. Analisamos três campos de intersecção entre a Psicanálise e a Ética: o estudo dos fatores que determinam o comportamento ético e moral e sua incidência psíquica; a Psicanálise como produto de uma determinada tradição cultural; os problemas éticos colocados pela prática clínica. Finalizamos, sinalizando um outro campo de ligação entre Ética e Psicanálise – o da fundamentação da Ética.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética. Psicanálise. Freud. Lacan. Foucault

## **ABSTRACT**

LANG, Scheifler Camila. (2016). Ethics in Psychoanalysis: Freud, Lacan & Foucault. Master's dissertation Graduate Program – Academic Master's Degree in Philosophy from the University of Caxias do Sul.

Considering the line of research interdisciplinary ethical problems aimed to the present dissertation the analysis of the relation of Ethics in Psychoanalysis, while pointing out the contributions of psychoanalysis and its clinical implications in two currents of psychoanalytic thinking – Sigmund Freud and Jacques Lacan and the circumscription of the existing intersection of fields between Ethics and Psychoanalysis through Michel Foucault's philosophical thought. Through panoramic approach used, through a literature review, using authors as Arendt (1992); Bauman (2016); Birman (2001); Foucault (1984); Freud (1915); Julien (1996); Junqueira (2011); Kehl (2002); Lacan (2008); Roudinesco (2007), demonstrated the differences in the treatments given to the question of Ethics and moral consciousness in Psychoanalysis, and how these differences are present in the establishment of clinical processes in the aforementioned authors. We conclude that the diversity of metapsychological models, existing in Psychoanalysis produces differences in theoretical approach to the issue of Ethics and moral conscience, and also the processes and clinical objectives by the Psychoanalyst. It is well known that different clinical models keep certain symmetry regarding Ethics. Analyzing three intersecting fields between psychoanalysis and ethics: the study of the factors that determine ethical and moral behavior and their psychological consequences; Psychoanalysis as a product of a particular cultural tradition; ethical problems posed by the practice. We finish signaling another link field between Ethics and Psychoanalysis – ethical reasons.

**KEYWORDS:** Ethics. Psychoanalysis. Freud. Lacan. Foucault.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 ÉTICA NA PSICANÁLISE: FREUD.....	18
1.1 O homem moderno, o desamparo, o sofrimento e o apelo a uma nova Ética.....	18
1.2 Perdas: da tradição e da verdade.....	33
2 ÉTICA EM LACAN.....	48
2.1 Desejo e significante: <i>existindo e sendo</i> .....	48
2.2 Psicanálise & Filosofia: Foucault.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS.....	88

## INTRODUÇÃO

Poderíamos iniciar tratando do questionamento acerca do tema desta dissertação, por que articular *Ética na Psicanálise: Freud, Lacan &<sup>1</sup> Foucault*, senão por acenar para a linha de pesquisa: problemas interdisciplinares de Ética e também, por assim entender, acenar para a genealogia do saber psicanalítico, senão pela captura do tema, pelo encantamento permanente. É evidente que desde seu aparecimento, a Psicanálise sofreu e sofre variações conceituais, estruturais, como também variações políticas de saber e verdades. Ao construir seus ensaios clínicos, o então, Dr. Freud, não só escandalizou Viena na época, como propôs novas formas de análise do psiquismo humano, de modo que, ao evidenciar a sexualidade da criança e ao colocar a possibilidade da escuta dos sentidos, ocasionou uma reorganização da subjetividade de quem fala. Freud conseguiu no século XIX, com sua incansável determinação e estatutos pessoais, fazer transbordar, na ocasião, o escândalo da desconstrução da infância, tida como pura e inocente desde o século XVII, fazendo ainda com que a sociedade, naquele momento, pensasse inclusive numa “cura” sem medicamentos e invasões corporais objetivas ou visíveis. Desse modo, envolta em uma aura transgressora e distante da moral burguesa, a Psicanálise surge de forma inventiva e parcialmente cara ao seu inventor. Entende-se inventiva, porque, sobretudo, o desejo de Freud, embora inicialmente fosse de fazer da Psicanálise uma ciência natural, em que a neutralidade e a imparcialidade são tidas como tarefas principais do pesquisador, garantindo a possibilidade de desvendar a verdade implícita, o que conferiria o caráter de descoberta; com a Psicanálise não foi possível, ele acenou para a garantia de uma invenção. Cara, justamente, pelo reconhecimento de ser o inventor de algo novo e irreverente para a época, o que lhe conferiu o repúdio no meio científico.<sup>2</sup>

Porquanto, assumimos, que estamos tratando de dois temas que parecem completamente distintos: de um lado, a Ética, tal como é genericamente definida pela

---

<sup>1</sup> Utiliza-se com intenção de ligação, de junção entre os autores escolhidos para dissertar, ‘interligando psicanalistas a filósofos’.

<sup>2</sup> PALOMBINI, Analice de Lima. Decifra-me ou te devoro! Notas sobre o desassossego nas relações entre psicanálise e epistemologia. In: *Revista da associação psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 1995. n.18.

Filosofia<sup>3</sup>. Portanto, uma disciplina responsável pela investigação dos princípios que determinam, orientam e motivam o comportamento moral, e que procura fundamentar e definir a natureza do bem e do mal; de outro, a Psicanálise, definida por Freud:

como um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica.<sup>4</sup>

Igualmente, assinalamos que tanto a Ética como a Psicanálise se interessam pelos comportamentos dos indivíduos, dos quais entende-se surgir um campo de intersecção. Na última década,<sup>5</sup> esse ponto de intersecção parece ter tomado maior visibilidade e alguns autores produziram textos nos quais se faz:

uma leitura da crise ética vivida na atualidade a partir do referencial psicanalítico (KHEL, 2002; ROSSI, 2001; SOUZA, 1998; COSTA, 1994; GAMPEL, 1992, entre outros), outros tratam da questão da neutralidade (ZEDDIES, 2000), do sigilo (WINNER; LAX, 2002), do diagnóstico (MEISSNER, 1994), da qualidade dos atendimentos (WILDLÖCHER, 1998) e do estatuto científico da psicanálise (BIRMAN, 1994; KLIMOVSKY; DEPETIT; ZYSMAN, 1995). Mas, sem dúvida existem autores que apontam a incompatibilidade entre o método psicanalítico e a ética (ALLOUCH, 1997) por meio da denúncia de um processo de 'etificação' da psicanálise e há também quem critique essa posição. (MEZAN, 1998b).<sup>6</sup>

Assim, a Psicanálise está ao lado da invenção, conforme defende Kehl citando Mouammar, se ela pode propor um valor para a modernidade, este é a alteridade, a aceitação do outro em sua semelhança na diferença, sendo essa aceitação a base para a construção de uma Ética para os tempos atuais<sup>7</sup>. A principal preocupação da Psicanálise em relação ao tema da Ética é a de desvendar a gênese da consciência

---

<sup>3</sup> LALANDE, A. (1926) *Vocabulário Técnico e Crítico de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

<sup>4</sup> FREUD, Sigmund. [1923b] Dois Verbetes de Enciclopédia. v. XVIII, In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 253-314.

<sup>5</sup> JUNQUEIRA, Camila. Ética e Consciência Moral: a teoria, a clínica e o outro. In: *Impulso*, Piracicaba, 21(52), 7-18, jul.- dez. 2011.

<sup>6</sup> *Apud* JUNQUEIRA, Op. cit., p.8.

<sup>7</sup> MOUAMMAR, Christiane Carrijo Eckhardt. *Psicanálise e ética: uma reflexão*. Piracicaba: Impulso, 21(52), 99-101, jul.-dez. 2011.

moral e dos sentimentos éticos no indivíduo e na sociedade; pois, o Pai da Psicanálise tinha forte embasamento para pensar e objetivar a clínica. Sobretudo porque a clínica revela fatores indispensáveis sobre as vicissitudes humanas. Sabe-se que sua percepção científica denunciava que a consciência moral tem profunda relação com o estabelecimento das neuroses. Desse modo, pode-se afirmar também que a relação de Freud com o discurso filosófico é de certo modo ondulante, múltipla e ambivalente:

De um lado, Freud não possui fórmulas bastante incisivas para desautorizar a filosofia de suas pretensões de legiferar sobre a ciência psicanalítica; de outro, reconhece humildemente sua importância na 'atividade de pensamento' humano.<sup>8</sup>

Sabidamente assinalamos que “destacar a dimensão ética do pensamento psicanalítico possibilita reafirmar a implicação recíproca dos registros da cultura e da sociedade na compreensão freudiana do psiquismo”<sup>9</sup>. Observa-se que são possivelmente duas as maneiras de abordarmos as relações entre a Psicanálise e a Ética. Mas há outros tantos campos de intersecção entre a Ética e a Psicanálise, bem estabelecidos na literatura psicanalítica, que podem ser fruto de estudos posteriores e não cabem no escopo desta dissertação.

Compreende-se que a primeira maneira de abordagem se apresenta em uma Ética da Psicanálise como uma Ética profissional, uma Ética baseada em princípios de respeito como de proteção às pessoas que se utilizam da Psicanálise para fins terapêuticos; baseada, inclusive, no aspecto protetivo contra eventuais abusos cometidos pelos analistas em face de sua posição privilegiada em função do amor transferencial. Bem como, sobre o aspecto da regulamentação, no que diz respeito à concorrência profissional e da formação institucional, pois observamos que existem condições específicas da transmissão do saber psicanalítico que merecem atenção especial. Por assim mencionar, no momento atual, carecem de aprofundamento e análise pela proliferação de instituições formadoras. Podemos citar, ainda, como

---

<sup>8</sup> ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud: a filosofia e os filósofos*. Tradução de Hilton Japiassu, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p.10.

<sup>9</sup> BIRMAN, Joel. CUNHA, Eduardo Leal. Vínculos entre modernidade, ética e subjetivação no pensamento de Freud. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte-MG, n. 40, p. 37–48, Dezembro, 2013, p. 38.

ponto de intersecção, os problemas éticos colocados pela prática clínica (neutralidade, sigilo, pagamento, entre outros...).

Já a segunda forma de propositar e conjecturar sobre Ética e Psicanálise, a escolhida para a reflexão no presente trabalho, diz respeito às implicações éticas do advento da Psicanálise no Ocidente. Certamente como um pensamento e uma prática questionadores dos pressupostos éticos tradicionais, que, analisa-se, já não se sustentam como orientadores da ação moral nas sociedades do final do século XIX; por assim refletir, seguem em permanente embate social. A constatação de uma permanente crise ética mundial desencadeia quase que inexoravelmente, alarmantes sintomas sociais e a necessidade de respostas. Sintomas estes perceptíveis na clínica psicanalítica. Outros pontos de intersecção assinalados dizem respeito ao estudo dos fatores que determinam os comportamentos (a psicogênese da Ética); e a Psicanálise como produto de uma determinada tradição cultural que carrega determinados valores.<sup>10</sup>

Roudinesco assinala, “por toda parte as mesmas perguntas, por toda parte as mesmas respostas que pretendem atestar o novo mal-estar da civilização”<sup>11</sup>. Ela segue indagando sobre uma série de questões, sobre o pai, a mãe, sobre a juventude e sobre as crianças entre tantos outros questionamentos pertinentes. Questiona sobre uma série de temas que, de certa maneira, estão implicados pelas questões éticas e os principais dilemas desse tempo. Temas como: mestres do pensamento; as mulheres e: autonomia, cérebro e neurônios, as emoções, instintos criminosos; sobre a religião cristã, se é sexuada, dividida entre um polo feminino e um polo masculino dominador, assim como sobre filósofos. Articula ainda sobre os ditames atuais que classificam, organizam, calculam, medem, periciam, normalizam. Pontua ela: Diga as semelhanças, diga seus pensamentos, avalie seu saber, fale em seu próprio nome. Qual a sua preferência, quais são os menores, os maiores, os mais medíocres, os mais mistificadores, os mais criminosos?<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> JUNQUEIRA, Camila. *Ética e consciência moral na Psicanálise*. São Paulo: Via Lettera: FAPESP, 2006, p. 8.

<sup>11</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. *1944-Filósofos na tormenta: Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida*. Elisabeth Roudinesco. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p. 9-10.

<sup>12</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. Op. cit., 2007, p. 9-10.

Reafirma que o grau zero das interrogações contemporâneas continua a se impor em nome de uma modernidade de fachada que torna suspeita toda forma de inteligência crítica fundada na análise da complexidade dos homens e das coisas. Jamais a sexualidade foi tão livre e a ciência progrediu tanto na exploração do corpo e do cérebro. Entretanto, nunca o sofrimento psíquico foi tão vivo: representado pela solidão, ingestão de psicotrópicos, tédio, cansaço, dieta, obesidade, medicalização de cada minuto da vida.<sup>13</sup>

A autora continua:

A liberdade de si, tão necessária, e conquistada renhidamente ao longo do século XX, parece ter-se transformado em uma exigência de obrigações puritanas. Quanto ao sofrimento social, é ainda mais insuportável, na medida em que parece em progressão constante, contra um fundo trágico de desemprego dos jovens e de desenraizamento. Livre do garrote da moral, o sexo não é vivido como correlato de um desejo, mas como uma *performance*, uma ginástica, um higienismo dos órgãos que só pode levar a uma lassidão mortífera. Como gozar? Como fazer gozar? Quais são o tamanho ideal da vagina, o bom comprimento de um pênis? Quanto tempo? Quantos parceiros em uma vida, uma semana, um único dia, um minuto? Nunca a psicologia do condicionamento e da alienação sexológica ou promíscua foi tão insinuante quanto hoje. A ponto de assistirmos agora a uma amplificação de todas as queixas. Pois, quanto mais se prometem a felicidade e o ideal de segurança, mais persiste a infelicidade, mais aumenta o risco e mais as vítimas das promessas não cumpridas revoltam-se contra aqueles mesmos que os traíram<sup>14</sup>.

Assim, refletindo sobre uma temática vasta e densa, mas ao mesmo tempo focal, por se entender que as implicações humanas, a Ética, a Moral e a Psicanálise seguem num compasso transformador. Objetiva-se com este estudo, analisar a relação da Ética, da consciência moral com a Psicanálise, compreendendo quais as contribuições da Psicanálise. Sobretudo, para a vida contemporânea, por entender como importante; principalmente, em se tratando de um texto oriundo do Mestrado em Filosofia, com área de concentração em Ética, explicitar as contribuições da Psicanálise à Filosofia no que diz respeito a questões da Ética e da Moral. O presente trabalho supõe que a Filosofia, ao realizar a fundamentação de uma Ética, precisa se amparar de teorias que abordem o comportamento humano, tratem do funcionamento psíquico, ou mesmo de teorias acerca da psicogênese da Ética. Entende-se,

---

<sup>13</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. Ibid. 2007.

<sup>14</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. Op. cit.. 2007.

sobretudo, que a Psicanálise cumpre essa função. Para isso, tratou-se de explicitar alguns posicionamentos teóricos acerca dos autores escolhidos para a pesquisa, sendo eles: Sigmund Freud, Jacques Lacan & Michel Foucault.

O ponto de referência desta investigação reside em torno da relação existente entre a Ética com a Psicanálise, apresentando quais as contribuições da Psicanálise, em especial a de Freud e Lacan, para a criação de novas direções que orientem uma Ética para a modernidade; sobretudo, para a vida contemporânea e para a clínica. Nesse sentido, o procedimento metodológico inicial que norteou esta pesquisa assenta-se em uma investigação de caráter qualitativo e de natureza descritiva, pois teve como finalidade: “[...] proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” e na medida em que “tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito.”<sup>15</sup>

Esta fundamentação, detentora de um marco metodológico que evidencia a produção de dados bibliográficos buscou: “[...] desenvolver, esclarecer, modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”<sup>16</sup>. Segundo Gil, a pesquisa exploratória é aquela que tem como objetivo principal proporcionar ao pesquisador a leitura de material bibliográfico que melhor possa atender à necessidade de pesquisa, deixando o pesquisador livre, para buscar as referências que melhor se adaptem ao tema proposto. Neste estudo, após ter realizado a busca pelo material, realizou-se a leitura exploratória dos textos, procedeu-se a leitura seletiva, momento em que ocorreu a seleção do material bibliográfico utilizado na produção textual e posterior escrita do fichamento de leitura para, então, elaborar o texto apresentado.<sup>17</sup>

Para a produção desta dissertação, optou-se por realizar buscas em bases de dados da plataforma eletrônica Google Acadêmico, Lilacs, Medline, Portal de periódicos da CAPES, bases de dados – sendo considerados os direcionamentos a artigos, teses e dissertações oriundas de: PePSIC, CNPQ, SCIELO, PUCRS, UFRGS, USP, ANPOF entre outros, bem como livros clássicos e contemporâneos, que

---

<sup>15</sup> GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010, p. 27

<sup>16</sup> GIL, Antônio Carlos. *Ibid*, 2010, p. 28.

<sup>17</sup> GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

proporcionaram familiaridade com o escopo da pesquisa. Na busca textual, foram pesquisadas as palavras indexadas: Ética na Psicanálise, Ética em Freud, Ética em Lacan, Ética e Foucault, entre outras palavras.

Sabemos que a Psicanálise segue sendo examinada, gradualmente, como um método terapêutico, não é surpresa para o mundo científico, bem como para o senso comum. Principalmente, quando a efemeridade na sociedade atual não consegue ser sustentada ou suportada, parecemos sobreviver sob o teto da certeza, ou, pelo menos, buscamos essa falsa pertença. Aceitamos a diferença desde que ela não coloque em dúvida a nossa própria diferença. Por sua vez, a eficácia da Psicanálise é questionada pelos defensores das neurociências e das mais distintas técnicas comportamentais que visam a diminuir imediatamente o sofrimento psíquico do homem moderno. Mas, sabemos também que, na mesma proporção da tentativa de cura, ocorre a incidência de psicopatologias como depressão e psicoses. Além disso, estamos observando inúmeras discussões sobre Ética e as questões humanas no que diz respeito à Moral, valores, crenças, ideologia, entre outros. Desse modo, conforme a Psicanálise, é possível situar essa crise ética no problema do reconhecimento dessa lei e na desmoralização do código.

À luz dessa perspectiva, buscar-se-á, portanto, no primeiro capítulo explicitar sobre aspectos da Ética e da consciência moral na Psicanálise, a partir do pensamento de Freud, tratando de argumentar sobre o homem moderno e o desamparo vivido no mundo de sofrimento dos homens e o apelo a uma nova ética na visão da psicanálise. Além disso, trata-se de apontar sobre aspectos da perda da tradição e da verdade como disparadores da problemática humana como argumento aos capítulos seguintes da presente dissertação.

Na segunda parte deste estudo, discorre-se sobre o pensamento da Ética e em Lacan, sobre desejo e significante: existindo e sendo, aponta-se para as questões acerca do inconsciente e do desejo, bem como do real. Ainda, objetiva-se apresentar as contribuições do pensamento do filósofo Foucault acerca da Ética e o ponto de intersecção entre a Filosofia e a Psicanálise proposto pelo autor. Será possível esse ponto? Por fim, e não menos importante, nas considerações finais, atenta-se para o emaranhado de achados entre os três autores Freud, Lacan e Foucault, suas

consonâncias e dissonâncias e das infinitas possibilidades propostas pela reflexão em Psicanálise e Filosofia. A psicanálise certamente tem muito a contribuir com a Filosofia, e a Filosofia com a Psicanálise.

## 1. ÉTICA NA PSICANÁLISE: FREUD

### 1.1. O homem moderno, o desamparo, o sofrimento e o apelo a uma nova ética

Psicanálise e Etnologia podem ser apresentadas como ciências do inconsciente, embora apresentem distintas características e abordagens. Ambas convergem, no que diz respeito aos domínios epistemológicos, numa abordagem positiva em direção ao que escapa à consciência do homem. Seus conceitos, métodos e interpretações são aplicáveis a tudo que se refere às produções humanas. A Psicanálise, por sua vez, carrega o advento de um permanente e inesgotável

princípio de inquietude, de questionamento, de crítica e de contestação daquilo que, por outro lado, pode parecer adquirido. A psicanálise, assim entendida, permite-se a tarefa de fazer falar por meio da consciência o discurso do inconsciente, avançando fundamentalmente a partir das relações entre representação e a finitude, com um propósito deliberado de interpretação de sentido de uma dinâmica da resistência ou da barreira, orientado ao que está aí e se furta ao que inacessivelmente transpõe a representação.<sup>18</sup>

A Psicanálise não se propõe como uma “nova ética” ao mundo moderno. A questão da Psicanálise e o abalo provocado estão justamente aprofundadas em algumas conjecturas a respeito das relações do homem com o Bem, exigindo que repensássemos os fundamentos éticos do laço social numa perspectiva considerável acerca das determinações inconscientes da ação humana.<sup>19</sup>

Dessa maneira, tomamos o inconsciente como uma produção discursiva que, de certo modo, instaura o laço social entre trocas permanentes e produto/produtor do sujeito do desejo, tendo o pesquisador/analista a implicada e complicada tarefa de questionar as certezas e problematizar verdades e saberes totalitários<sup>20</sup>. Nessa perspectiva, o inconsciente passa a caracterizar não só o pensamento simbólico, mas

---

<sup>18</sup> FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1966/2007, p. 517 - 519.

<sup>19</sup> KEHL, Maria Rita. Sobre ética e psicanálise. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

<sup>20</sup> BUENO, Cleuza Maria de Oliveira. Entre-vista – espaço de construção subjetiva. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

a própria definição da humanidade<sup>21</sup>. Assim, “o inconsciente não é uma realidade psíquica que cada um carrega, como se fosse uma propriedade da alma, oculta, ignorada, que se desvela, revela, descobre”<sup>22</sup>. Ele se faz a partir da lógica do discurso, uma lógica que se apresenta paradoxal, pois é o próprio sujeito que produz a verdade que acredita descobrir, é ele quem inventa a verdade na relação com o outro.<sup>23</sup>

O “contemporâneo” pensa a cura do sofrimento psíquico na tentativa de eliminação de todo mal-estar, de toda e qualquer angústia de viver. Dessa maneira, sobretudo, pelas novas implicações terapêuticas do contemporâneo, passamos a conviver com a ideia de que a todo preço precisamos nos livrar dos “incômodos efeitos do inconsciente, assim, servir às finalidades de um eu soberano, pragmático, feliz, ajustado às aspirações dos membros da cultura do individualismo e do narcisismo.”<sup>24</sup> Fatos estes que são confirmados pela exacerbação constante das terapias exclusivamente medicamentosas, pelo emaranhado de livros, compêndios e eventos de autoajuda, como também pelas novas formas de espiritualidade baseadas em resultados e praticadas com finalidades terrenas muito específicas. Não obstante, poderíamos citar inúmeros fatos sociais, como o incremento das redes sociais virtuais, da exposição da vida privada e o advento do corpo, e todo o fascínio que ele carrega na sociedade moderna, seja pela massificação da beleza e da busca pelo *corpo-máquina* ideal, seja pelo incremento das terapias alternativas, rejuvenescedoras, modeladoras e da incansável tentativa de melhoramento do corpo por meio da ingestão de “*poções mais do que mágicas.*”<sup>25</sup>

Numa tentativa desenfreada, e a qualquer preço de gozo, o homem moderno é vitimado pela onda formadora de “deprimidos” ávidos de normalização farmacológica. Assim, conforme Roudinesco, a perspectiva patológica do sujeito passa a ser a própria sociedade não é apenas o sujeito que está deprimido, mas a sociedade em si que é depressiva. Uma sociedade obcecada pela padronização de comportamentos e de crenças voltadas para a normatização de atitudes diante dos

---

<sup>21</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. A antropologia diante dos problemas do mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

<sup>22</sup> BUENO, Cleuza Maria de OLIVEIRA. Ibid., 2002, p.30.

<sup>23</sup> JERUSALINSKY, Alfredo. N.; MEZAN, R. Que tipo de ciência é a Psicanálise. Longe da ortodoxia e do ecletismo. *Revista Percurso*, São Paulo, 2007. p. 136 – 137.

<sup>24</sup> KEHL, Maria Rita. Ibid., 2002, p. 8.

<sup>25</sup> Grifo nosso.

pretensos padrões de normalidade. Padrões estes dispendiosos demais para a humanidade.<sup>26</sup>

O sujeito contemporâneo quer ser, ou ainda, precisa ser despojado não apenas da angústia de viver; mas, sobretudo, quer ser libertado da responsabilidade de arcar com a angústia de viver. Esse mesmo homem delega à competência de terceiros, especialmente à competência médica ou às intervenções químicas a questão fundamental do destino das pulsões<sup>27</sup>. Desse modo, ele elimina a inquietação que o habita em vez de questionar seu sentido. Não raro, e talvez paradigmático, é que o homem cega a si mesmo e não percebe que por tais motivos a vida se torna vazia e cada vez mais insignificante.

Sabemos que o sentido não é um valor inerente à própria vida, pois, “se a perda do sentido da existência está na origem da depressão, que é o sintoma emergente do mal-estar contemporâneo”; logo, “ele é efeito de uma construção discursiva que confere significado aleatório, ao sem sentido, à precariedade da existência.”<sup>28</sup> Ao, tentar ampliar seu domínio simbólico sobre o real, tanto do corpo, da morte, do sexo e do futuro incerto, o homem denuncia a produção de sentido que não é individual, é coletiva e obviamente, seus efeitos inscritos na cultura.<sup>29</sup>

Assim, como todo ato de fala só se consuma no endereçamento a um outro, toda produção de sentido, de significação, depende de sua inscrição numa cadeia de interlocuções. Dizer que a vida faz sentido do ponto de vista do vivente significa que existe a possibilidade de esse sentido ser reconhecido pelo Outro, ou pelos outros que o rodeiam. Igualmente, indagamos quando os sentidos dados pela tradição, pelas religiões, pela transmissão familiar deixam de fazer sentido, o que podemos colocar em seu lugar? Assim, o que confere sentido a/em nossas vidas?<sup>30</sup>

---

<sup>26</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

<sup>27</sup> O objeto da pulsão é aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta. Ele é o elemento mais variável da pulsão e não está originariamente vinculado a ela, sendo-lhe apenas acrescentada em razão de sua aptidão para propiciar a satisfação. A rigor, não é preciso ser um outro objeto externo, pode muito bem ser uma parte de nosso próprio corpo. Ao longo dos diversos destinos que a pulsão conhecerá, o objeto poderá ser substituído por intermináveis outros objetos, e a esse movimento de deslocamento da pulsão caberão os mais significativos papéis (FREUD, S. As pulsões e suas vicissitudes. [1915]. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. V. XIV. p. 137).

<sup>28</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p. 9.

<sup>29</sup> KEHL, Maria Rita. *Op cit.*, 2002, p. 9.

<sup>30</sup> KEHL, Maria Rita. *Op cit.*, 2002, p. 9.

Desde a Antiguidade, muito antes de Freud, quando já havia a interrogação sobre uma atividade psíquica diferente da consciência, ou mais tarde com Descartes, a partir da ideia de razão e desrazão, abordavam-se noções de inconsciente. Observa-se que a primeira psiquiatria dinâmica acreditava que a consciência era ameaçada por forças destrutivas, originárias de um inconsciente metafísico.

No século XIX, a Filosofia alemã igualmente abordou a ideia de um inconsciente influenciado pela concepção romântica de aspectos noturnos da psiquê. Sobretudo, foi com Freud que surgiu a concepção de um inconsciente dinâmico, psíquico e afetivo. Freud pensava o inconsciente organizado em instâncias próprias: o *eu*, o *isso* e o *supereu*. Certamente, uma ideia de inconsciente que tirou o homem de um estado de alienação, tido como um “animal insensato” e temível, “estranho a si mesmo”, que precisava ser moralmente cuidado. Mas também, ao mesmo tempo, o retira do lugar central do mundo. Se, por um lado, era o senhor absoluto, agora padece dessa ferida narcísica; tido como um sujeito livre, dotado de razão que não é única, e que “vacila no interior de si mesma”. Nesse sentido, parece para Roudinesco, que a Psicanálise, por assim entender, foi a única ciência do século XIX que associou a teoria do psiquismo a uma *filosofia de liberdade ou filosofia existencialista*. Nessa visão, o homem passou a ser sujeito de seu destino, de suas escolhas, de suas incertezas e de seus conflitos; mesmo que, e apesar disso, permanentemente faltoso, incompleto, por não poder dominar seu próprio inconsciente.<sup>31</sup>

Mesmo que Freud tenha se visto tentado a integrar a Psicanálise às ciências da natureza, ele jamais o fez exatamente, porque acabou elaborando um modelo especulativo, aos moldes da Filosofia Metafísica, que denominou de Metapsicologia, em que se inscrevem conceitos como o de inconsciente, pulsões, recalçamento, narcisismo, o eu, o isso. Foi a Metapsicologia<sup>32</sup> que garantiu à Psicanálise um *status*

---

<sup>31</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. Ibid, 1999.

<sup>32</sup> Termo criado por Freud em 1896 numa carta a seu amigo Fliess, a metapsicologia distingue as concepções teóricas psicanalíticas das perspectivas da psicologia clássica. Os modelos propostos na metapsicologia estão para além do observável e referem-se a um conjunto de teorias que define as instâncias do aparelho psíquico: a teoria das pulsões, o recalçamento e a interpretação dos sonhos, entre outros processos. Divide-se nas perspectivas: “*dinâmica*”, relativa ao conflito psíquico e à composição das forças de origem pulsional; “*tópica*”, relativa à diferenciação da psique em sistemas ou instâncias com diferentes funções; “*econômica*”, relativa à distribuição e circulação da energia psíquica

específico, capaz de opor o *homem trágico*, paradigma da consciência moderna, ao *homem comportamental*, cérebro-máquina imaginado pelos adeptos do cientificismo. A Metapsicologia, portanto, pretende ser uma teoria refutável e falsificável. É nesse sentido que podemos sustentar a ideia de uma Metapsicologia Científica.<sup>33</sup>

Apresentando o que entendemos por “teoria psicanalítica”, podemos compará-la à dimensão da prática psicanalítica. Dividindo-a em: uma práxis e uma teoria da técnica psicanalítica. Entende-se que a práxis envolve toda a dimensão Ética da experiência psicanalítica, marcada por uma Ética do Desejo, que difere da Ética Moral. Essa práxis envolve conceitos como “desejo do analista” e “contratransferência”. Segundo Lacan, a Ética é a “dimensão mais profunda do movimento do pensamento, do trabalho e da técnica analíticos”<sup>34</sup>. Também temos a teoria da técnica, que abrange conceitos como “associação livre”, “resistência”, “transferência”, “interpretação de sonhos e parapraxias”, entre outros.<sup>35</sup>

Certamente, é prudente apresentar as relações entre a subjetividade, a Ética e as formações sociais. É numa sociedade marcada pelo resultado do projeto Iluminista que surge a Modernidade, pela nítida visão da autoemancipação de uma humanidade possível. Por sua vez, compreende-se que, paulatinamente, a religião foi orientada para a substituição pela razão e pela ciência, numa espécie de conjunto de valores e ideias pautados pelo racionalismo, individualismo e universalismo. Em se tratando do individualismo, pôde-se perceber que houve a ruptura comunitária com antigas concepções de mundo. A inevitável transição para uma nova Ética e Política deu espaço para importantes transformações, com características descentradas e libertas do coletivo, fazendo com que o homem se valesse por si mesmo e não pela outorga estatutal da comunidade. Desse modo, emancipar implicava desprender o homem das malhas do todo social. O universalismo buscava dissolver os particularismos locais e se concretizaria no processo de globalização.<sup>36</sup> Ora, Giddens

---

ou pulsional. (RAFAELLI, Rafael. Nota sobre a metapsicologia freudiana. In: *Revista Internacional Interdisciplinar INTERTHESIS*, V.4 No1. Florianópolis, jan/jun. 2007. p. 2-7.  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/download/890/10848>.

<sup>33</sup> LAPLANCHE J. *A psicanálise como anti-hermenêutica*. Psicanalítica. vol. 3 (3), 1995, p. 71-86.

<sup>34</sup> LACAN, Jaques. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-60). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 248.

<sup>35</sup> LACAN, J. Op. cit., 2008.

<sup>36</sup> ROUANET, S. P. Mal-Estar na Modernidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, vol. XXXI, n.1, 2007, p. 9-30.

assinala porque se entende que “a radicalização da modernidade é tão perturbadora, e tão significativa”. E dá providências em ampliar sua conceituação:

Seus traços mais conspícuos — a dissolução do evolucionismo, o desaparecimento da teleologia histórica, o reconhecimento da reflexividade meticulosa, constitutiva, junto com a evaporação da posição privilegiada do Ocidente — nos levam a um novo e inquietante universo de experiência. Se o ‘nós’ aqui ainda se refere primariamente àqueles que vivem no próprio Ocidente — ou, mais precisamente, nos setores industrializados do mundo — é algo cujas implicações são sentidas em toda parte.<sup>37</sup>

Portanto, entende-se que o dinamismo da modernidade deriva basicamente de três fontes: um que é a separação de tempo e espaço, e de sua recombinação em formas que permitem o “zoneamento” tempo-espacial preciso da vida social; outro que é o processo de desencaixe dos sistemas sociais (um fenômeno intimamente vinculado aos fatores envolvidos na separação tempo-espço); e, por fim, a ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais à luz das contínuas entradas (*inputs*) de conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos. Essas três fontes são condições que facilitaram a transição da ordem tradicional para a ordem moderna.<sup>38</sup>

Foucault, em seu texto, *O que é o iluminismo*, esclarece que o discurso da Modernidade é “tudo isso, a filosofia como problematização de uma atualidade e como interrogação para o filósofo dessa atualidade da qual faz parte e em relação à qual tem que se situar, poderia caracterizar a filosofia como discurso da modernidade e sobre a modernidade.”<sup>39</sup>

Assim, se na Antiguidade e na Idade Média, o homem considerava verdadeiro o pensar de acordo com o que existe na realidade, nos tempos modernos ele inverte sua postura dizendo que aquilo que pode pensar, poderá realizar. E podendo realizar, por assim compreender, analisa-se que a Modernidade foi construindo um personagem independente, livre das pressões tradicionais. Sobretudo, fazer a pergunta o que é o sujeito ou o que se entende por sujeito deve levar o investigador a

---

<sup>37</sup> GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1991, p. 50.

<sup>38</sup> GIDDENS, Anthony. Op. cit., 1991, p. 21.

<sup>39</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é o Iluminismo?* Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Brasília: UNB, 1994, p. 1-13. Acesso: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/iluminismo.html>.

buscar respostas nas duas “figuras da modernidade: a racionalização e a subjetivação”.<sup>40</sup>

O saber da Psicanálise, só faz sentido nas modernas sociedades industriais, urbanas, laicas, democráticas. Sociedade em que se produz um sujeito diferente daquele nascido no mundo antigo ou no mundo medieval. Um sujeito até aqui entendido como carente de *ser* e um sujeito centrado no *EU*. A Psicanálise parece, como mencionado, alvo de permanentes ataques, considerando o fato de que ela conquistou o mundo por meio da “singularidade de uma experiência subjetiva que coloca o inconsciente, a morte e a sexualidade no cerne da alma humana”.<sup>41</sup>

Desse modo, no mundo contemporâneo, um mundo eminentemente ágil, massificado e medicalizado, cujos indivíduos aprisionam-se em solidões e carências de identidade, permanecer higiênico, refratário ao desejo, pode significar a decretação da falência do sujeito. “Sujeito que é a um só tempo, livre por sua sexualidade ao mesmo tempo em que é coagido por ela.” Pois, compreende-se que o inconsciente, as pulsões, a sexualidade, o amor, a agressividade, deslocam o sujeito de uma linearidade impossível, fazendo-o transigir ora aos anseios de sua consciência, ora às forças que habitam as profundezas de sua alma<sup>42</sup>. Restar-nos-ia questionar que sujeito é esse, que desamparado dele mesmo, de suas implicações, fica à deriva envolto primeiro no sofrimento gerado por essa conflitiva sem igual; após, fica desamparado, imerso a uma bruma sem sentido de existir, órfão de filiação simbólica.

Assim, cabe assinalar que “não é verdade que o deserto induz a contemplação de crepúsculos mórbidos. [...] O deserto se alastra e nele lemos a ameaça absoluta, o poder do negativo, o símbolo do trabalho mortífero dos tempos modernos até seu termo apocalíptico”<sup>43</sup>. É importante destacar que um sujeito carente de *ser* não quer dizer carente de Pai, mas sugere que a filiação já não recobre todo o campo simbólico que situa o sujeito. Para a Psicanálise a expressão, *carente de ser* está direcionada para: o que falta ao sujeito *ser* é ser o falo (do Outro). Desse modo, entende-se que essa importante posição de gozo que se perdeu, ou, de certo modo, que nunca se

---

<sup>40</sup> TOURAINE, Alain. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 218.

<sup>41</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. *Ibid*, 1999.

<sup>42</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. *Ibid*, 1999.

<sup>43</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*. Barueri. SP: Manole, 2005, p.18.

teve é senão uma abstração da teoria, ora, a posição de objeto de gozo para o Outro<sup>44</sup>, encontra-se na mãe. “Ser o falo do/para o Outro equivale a sustentar-se na posição de objeto capaz de obturar a falta no Outro.” E dessa proposição, nos recordamos de outra tão importante quanto: “o desejo do homem é desejo do Outro.”<sup>45</sup>

Foucault, paradoxalmente, no que se refere à questão do cuidado ético entre os gregos, questiona “por que essa ‘problematização’, afirmando que “esta é a tarefa de uma história do pensamento por oposição à história dos comportamentos ou das representações.” Trata-se de “definir as condições nas quais o ser humano ‘problematiza’ o que ele é e o mundo no qual ele vive” - a sua atualidade.<sup>46</sup>

Se, nas sociedades tradicionais, a *falta-a-ser* estava sistematizada pela estabilidade das estruturas simbólicas de parentesco, que conferiam à pessoa um lugar, um nome, um destino, referendados pela comunidade e dificilmente modificados ao longo da vida; nas sociedades democráticas modernas, observa-se um homem muito mais órfão de filiação simbólica e muito mais desamparado de autoridade paterna, sobretudo, muito mais carente de *ser*.<sup>47</sup>

Freud investiga a relação entre Filosofia e Psicanálise em 1932, num texto tido como especial, “Uma questão de *Weltanschauung*”, pois se pergunta se a Psicanálise conduz a uma determinada “visão de mundo”. A posição dele, em sua obra, situa-se em argumentar que a Psicanálise é uma ciência natural, orientada pela *Weltanschauung* científica, não é, nem deve ser um ramo da Filosofia. Ele não coloca em discussão os significados dos conceitos de Ética e de Moral (tidos como sinônimos), pois acata e compreende-os como ditos pela Filosofia. Para ele,

A *Weltanschauung* é uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta

---

<sup>44</sup> “Há dois outros que se devem distinguir, pelo menos dois – outro com “A” maiúsculo e um outro com “a” minúsculo, que é o eu. O Outro, é dele que se trata na função da fala.” (LACAN, J. (1985). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, 1954-55*. Rio de Janeiro: Zahar, p.297).

<sup>45</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p. 40.

<sup>46</sup> FOUCAULT, Michel. (1984c) O que é o Iluminismo. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (org.). Michel Foucault (1926- 1984) - o *Dossier - últimas entrevistas*. Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora. Curso inédito de Michel Foucault no Collège de France, 1983. Transcrição de Katharina Von Bülow. Dossier Michel Foucault. Publicado originalmente no Magazine Littéraire, 207, maio de 1984, p. 14.

<sup>47</sup> KEHL, Maria Rita. *Op cit.*, 2002.

sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo [...]. Sendo essa a natureza da *Weltanschauung*, torna-se fácil a resposta, no que diz respeito à psicanálise. Na qualidade de ciência especializada, ramo da psicologia – psicologia profunda ou psicologia do inconsciente –, ela é praticamente incapaz de construir uma *Weltanschauung*: tem que aceitar uma *Weltanschauung* científica.<sup>48</sup>

Obviamente, em se tratando da consciência moral e dos comportamentos éticos, um dos mitos conhecidos das mais distintas áreas, e que explique acerca da instauração da Lei, situa-se, também, em talvez ser o único grande mito moderno, sua força, há muito confirmada, está justamente no fato de implicar todos os membros das sociedades democráticas como co-autores da Lei, como participantes no estabelecimento das relações de poder e na legitimação simbólica da autoridade. Freud, em 1914, publicou *Totem e Tabu* ([1912-1913]1990)<sup>49</sup>, fortemente implicado por sua pesquisa antropológica e pela esperança de estabelecer verdades factuais a respeito das origens da civilização. Numa estrutura vertical de poder, o pai protetor e opressor se permitia todos os privilégios, inclusive o gozo de todas as mulheres. Os filhos, e, portanto, irmãos, estavam abaixo do pai e todos indiferenciados se submetiam ao mais forte. Ao obedecerem ao pai, eram poupados de sua ira, desse modo, protegidos dos perigos entre eles e dos perigos externos. Pela vigência da primitiva lei do pai, não sofriam desamparo, mas também não tinham direito ao prazer. Um dia, privados do prazer e imersos ao pai onipotente do acesso às mulheres, perceberam que juntos eram mais fortes que o pai tirano. O mataram e o devoraram, pondo fim à horda paterna. Em grupo, levaram a cabo o que sozinhos não poderiam fazer e perceberam sua nova arma. A selvageria imposta pelo ato de canibalismo também sobrepôs o modelo invejado e temido de cada um dos membros da associação fraterna. Ao devorá-lo, os filhos, além de estarem identificados com o pai, adquiriam sua força. A comida, o alimento totêmico, entendido como, talvez, a primeira festa da humanidade, além de ter sido a reprodução de um ato criminoso, foi memorável por apresentar o ponto de partida das organizações sociais, das restrições morais e da religião.<sup>50</sup>

---

<sup>48</sup> FREUD, Sigmund. (1932b). *Uma questão de Weltanschauung*: Conferência XXXV. Imago. Vol. XXII. 1969, p.155.

<sup>49</sup> STRAUSS, Claude Lévi. A eficácia simbólica. In: *Antropologia estrutural*. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

<sup>50</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p.41-42.

Ao analisarmos o mito, percebemos a nítida noção de ambivalência, senão pela comemoração de um crime libertador, pela culpa e remorso que se instauram entre os irmãos. Com a morte do pai, eles se dão conta que também amavam esse pai tirano. Eles amavam-no pela possibilidade de proteção oferecida e pelo gozo das delícias de uma submissão irrestrita. Morto o pai, recai a culpa e a ameaça entre os filhos. Enquanto o pai vivo desfrutava de todas as mulheres, não havia sentido para conflitar entre os irmãos, ao passo que o pai gozante aniquilava o *ser* desejante dos filhos. Com a morte do pai, a possibilidade ameaçadora do gozo se apresenta, pela possibilidade de os filhos serem abusados, esmagados por todos os outros. A partir da morte do pai, com a organização dos irmãos para inventar um modo de barrar o gozo, restaura-se a autoridade simbólica do pai na forma da lei da interdição do incesto. Somente a partir desse tempo, cada filho tem o direito de ter acesso a todas as mulheres, menos à mulher do pai. Freud assinala que o tabu do incesto, “é a única interdição comum a todas as formas de civilização.”<sup>51</sup>

Freud, afirma ainda que, se há uma proibição, há um desejo ambivalente de cometer o incesto, de matar o próximo. Para Ele, não há fundamentalmente a necessidade de uma lei que diga: “não cometa o incesto”, se o desejo não fosse de cometê-lo. Diz ele,

[...] deveríamos dar ainda mais importância à nossa tese de que onde existe uma proibição tem de haver um desejo subjacente. Teríamos de supor que o impulso de matar acha-se realmente presente no inconsciente e que nem os tabus nem as proibições morais são psicologicamente supérfluos, mas, pelo contrário, explicam-se e justificam-se pela existência de uma atitude ambivalente para o impulso de matar.<sup>52</sup>

A renúncia a todo esse excesso de gozo, do *gozar a qualquer preço*<sup>53</sup> marca o território da horda indiferenciada das outras formas de organização social. “É a interdição do incesto que torna o gozo impossível e faz dos homens sujeitos, *sujeitos do desejo*, entendendo que o desejo advém da perda do objeto de gozo.”<sup>54</sup> Pois bem,

---

<sup>51</sup> KEHL, Maria Rita. Op. cit., 2002, p. 43.

<sup>52</sup> FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. [1912-1913]. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Vol. XIII, p.82.

<sup>53</sup> Termo utilizado por Charles Melman, In: MELMAN, Charles. O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço: Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun.. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

<sup>54</sup> KEHL, Maria Rita. Ibid., 2002, p. 43.

se formos devotos ao mito freudiano, admitiremos que, para os irmãos, esse gozo nunca foi perdido, porque nunca foi possível. E se,

O gozo era atribuído à onipotência do pai morto, e torna-se inacessível aos filhos em função do próprio ato que pretendia libertá-los. Articular a perda do gozo e a instauração da Lei que funda a ordem social é o mesmo que dizer que a satisfação da pulsão é mediada pela linguagem, fazendo ressaltar esse fato por efeito da comparação com um tempo fictício em que a mediação pela linguagem era desnecessária – pelo menos para *um*.<sup>55</sup>

A relação existente entre a possibilidade da comunicação pela fala e a insubmissão a um tirano é pauta para o cenário em questão, e é pela fala que deixamos de sustentar os discursos tiranos. Sobretudo, é porque os filhos falam, entre si, que é possível fazer a soma de suas forças, autorizando-se assim a matar o pai. Filhos estes, libertos pelo grande presente da voz e da fala, que além de permitir-nos a convivência e a confraternização, nos protagoniza a ponto de fazermos.

Por analogia, a partir do gesto de insubmissão da horda primitiva, que se pôs em atos de palavra, há uma espécie de condenação, especialmente, porque os irmãos estão implicados a falar uns com os outros. Por todo e qualquer argumento, tem-se aqui a ideia de diferença, para contar e contabilizar as diferenças oriundas do momento em que deixam de ser massa indiferenciada de filhos e se constituem como irmãos, sujeitos à diferença e ao conflito. *A posteriori*, criando instâncias de poder em substituição à tirania do tirano<sup>56</sup>. Desse modo, a Lei que cobra a renúncia do gozo passa, em vez de ser imposta por *Um*, a ser consentida coletivamente, até, paulatinamente, “estabelecer-se como limite inconsciente, portanto simbólico, ao gozo absoluto.”<sup>57</sup>

Para Kehl, o mito de *Totem e tabu*, insere-se não só pela concepção de apresentar uma ocorrência fora da história e de consequências universais, como por nomear de fato a difícil condição do homem moderno. Sobretudo, “um homem que perde a proteção oferecida por um pai capaz de fazer, da filiação um destino.”<sup>58</sup> Essa

---

<sup>55</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p. 43.

<sup>56</sup> KEHL, Maria Rita. *Op. cit.*, 2002, p. 44.

<sup>57</sup> KEHL, Maria Rita. *Op. cit.*, 2002, p. 44.

<sup>58</sup> KEHL, Maria Rita. *Op. cit.*, 2002, p. 43.

passagem de filho a irmão, de súdito a cidadão, ocorre por meio do luto pelo amparo que o tirano ofereceria em relação à falta-a-ser. Igualmente, o ganho obtido com a liberdade equipara-se ao amparo que o pai, mesmo tirano, proporcionara aos filhos, que protegidos das garras uns dos outros ficavam desprotegidos da crueldade empregada pelo pai protetor-agressor.

Assim, recordando o Discurso sobre a Servidão Voluntária de Boétie: “É o povo que se escraviza, que se decapita, que, podendo escolher entre ser livre e ser escravo, se decide pela falta de liberdade e prefere o jugo, é ele que aceita o seu mal, que o procura por todos os meios”<sup>59</sup>. Não havia ali, limite para os caprichos e destemperos desse pai tirano que utilizava seu poder mau o quanto desejasse, mas também não havia limite para o desejo desses filhos. Cabe ressaltar ainda que “O poder que um só homem exerce sobre os outros é ilegítimo”<sup>60</sup>. Por ser ilegítimo, coercitivo e alienante é que surge o desejo de liberdade. Sobretudo, por entendermos, conforme Boétie: Que mais é preciso para possuir a liberdade do que simplesmente desejá-la?<sup>61</sup>

Não obstante, Freud reconhece que a leitura e a importância dos tabus estão na sua relação com as proibições morais e convenções sociais, cuja função é regular a relação entre os homens e possibilitar o convívio em sociedade, podendo assim, lançar luz sobre a gênese da consciência moral e da conduta ética dos indivíduos.<sup>62</sup> Por compreender a relação de regulação de poder, entende-se, a partir dos assinalamentos de Freud, que o pai precisa ser reinventado, na forma de seu Nome, fazendo uma referência simbólica organizadora dos irmãos, vinda de um lugar *fora* do espaço e do tempo presentes.<sup>63</sup>

O representante da Lei, o pai simbólico, não é necessariamente o pai biológico de cada um. “Ele é o significante do pacto instituído pelos irmãos livres e desamparados – e livres *porque* desamparados – depois do assassinato do tirano, o

---

<sup>59</sup> BOÉTIE, Étienne de La. *Discurso Sobre a Servidão Voluntária (1549)*, 2006, disponível em [http://www.miniweb.com.br/biblioteca/Artigos/servidao\\_voluntaria.pdf](http://www.miniweb.com.br/biblioteca/Artigos/servidao_voluntaria.pdf) , acesso em 10 de janeiro de 2016, s/p.

<sup>60</sup> BOÉTIE, Op. cit. 2016.

<sup>61</sup> BOÉTIE, Op. cit. 2016.

<sup>62</sup> JUNQUEIRA, Camila. *Ibid.*, 2002, p. 34.

<sup>63</sup> KEHL, Maria Rita. Op. cit., 2002, p. 45.

pai real da horda primitiva”<sup>64</sup>. Para a Psicanálise, para evitar a destruição oriunda da violência pulsional surge o Pai, que protege e é entendido como um lugar da Lei (simbólica). Esse pai também existe de maneira imaginária, especialmente porque ele detém a verdade sobre quem o filho é; pai este, capaz de fazer do filho o herdeiro de uma *identidade*, aplacando a permanente interrogação do sujeito quanto a seu desejo e sua singularidade. Nesse sentido, o sujeito interroga o pai sobre: o que deseja (de mim)?

Kehl assinala que a “alienação ao desejo do Outro é pauta para refletirmos que todo desejo é no limite, desejo de servir a um poder, desejo masoquista de sujeição ao Outro”. Ora, se é a Lei que impõe a mediação do gozo por meio da linguagem, ela institui o desejo. Compreende-se que se a Lei é originada pelo assassinato do pai tirano que tinha o poder e saber sobre os filhos, estaria esse mesmo objeto de desejo nos impulsionando de volta à tirania. No seminário sobre Ética, Lacan<sup>65</sup> afirma que como a condição do sujeito desejante emerge pelo crime contra o pai, é sempre um desejo criminoso que se encontra no limite do que o sujeito pode saber de si. Para além do limite significativo, visualizamos a dimensão plena do masoquismo, do desejo de entregar-se inteiramente como objeto de gozo do tirano cujo assassinato lamenta-se sempre. Trata-se aqui do aniquilamento da própria condição desejante do sujeito, a *pulsão de morte*<sup>66</sup>. O sujeito se ergue contra essa tendência aniquiladora da função vital, propositado pelo “duro desejo de desejar”<sup>67</sup>, sustenta – entre a sujeição e o crime – ainda que simbolicamente, como um sujeito ético da Psicanálise, especialmente porque suas escolhas não lhe fogem, não tem como não escolher, custe o que custar, o crime. Freud deduz que por trás do horror da humanidade pelo incesto, há, na realidade, o desejo de cometê-lo.<sup>68</sup>

---

<sup>64</sup> KEHL, Maria Rita. Ibid., 2002, p. 45.

<sup>65</sup> LACAN, Jaques. Ibid, 1997.

<sup>66</sup> O pulsional não só se origina abrindo a possibilidade da construção do aparelho psíquico, arrancando o ser humano da natureza e da “estúpida existência”, mas também como o verdadeiro motor do progresso psicológico: o pulsional também se estabelece como uma dinâmica que não se deixa evacuar e ligar, obstruindo e desestruturando o ego como instância intrapsíquica. Daí a cegueira que caracteriza o pulsional des-ligado e, de modo especial, o mais pulsional da pulsão, que é a pulsão de morte, que não tem outro fim senão a descarga imediata e a busca do idêntico sem reconhecimento de qualquer alteridade, e que termina sempre funcionando como modo de autodestruição ou de morte psíquica do eu. TERRAZAS, José Gutiérrez-. O conceito de pulsão de morte na obra de Freud. *Ágora* v. V n. 1 jan/jun 2002, p. 8.

<sup>67</sup> LACAN, Jaques. Op cit., 1997.

<sup>68</sup> JUNQUEIRA, Camila. Ibid., p. 35.

Na pretensa coletividade dos irmãos, a Lei estava explícita na forma de um tabu imposto ao grupo não como uma Lei que interdita o incesto de forma inconsciente. No caso do sujeito da Modernidade, uma Lei mantida na forma do recalque está para a neurose assim como uma Lei, tida como tabu, está para a formação social. Salieta Freud que a formação social está inscrita nos códigos explícitos que governam a vida de uma comunidade, “libera o sujeito da necessidade de elaborar uma resposta neurótica para seu conflito”. Esse sujeito pertencente a essa tribo ou comunidade tradicional é tido como menos livre que seus descendentes modernos; mas, por outro lado, é menos comprometido subjetivamente com as consequências de suas ações. Na culpa neurótica, há o permanente adiamento de uma punição imaginária por um crime que se sabe que praticou, mas é naturalmente ignorado.<sup>69</sup>

A diferença das condições que produzem o primitivo ou o neurótico reside no caráter mais ou menos coletivo das decisões e dos atos. Não há por que pensar no assassinato do pai da horda como um crime do ponto de vista dos que o cometeram, pois não há nada, numa suposta “natureza” das relações humanas, que diga que a morte do pai tirano é criminoso. A coletividade, tanto passada como presente, composta pelos agentes sociais, é quem decide pelo caráter criminoso. Entende-se que

do assassinato primitivo legitimado pela comunidade, cuja consumação teria lançado os irmãos no remorso e no temor, à culpa do neurótico que se julga criminoso pelos atos com que ousa afirmar algo de seu desejo, há uma longa passagem efetuada pela humanidade: a passagem das culturas comunitárias às culturas do individualismo.<sup>70</sup>

Em *Psicologia de massas e análise do eu*, Freud parece interessado em líderes e o fascínio destes sobre as massas, e em suas profundas análises, retomando *Totem e tabu*, é possível conjecturar sobre as consequências do assassinato do pai, supondo que é possível que um dos irmãos, o mais novo ou o predileto da mãe, tenha

---

<sup>69</sup> KEHL, Maria Rita. Ibid., 2002, p. 46.

<sup>70</sup> KEHL, Maria Rita. Ibid., 2002, p. 47.

se posto, após um tempo, na posição de ‘usurpador’ da autoria coletiva do ato. Este é o protótipo do “indivíduo”, que se acredita soberano e autônomo em sua consciência e sua ação. Destacando-se sobre os outros, sobre a coletividade dos irmãos, esse usurpador é tido como “poeta mítico”, recontando a história das origens e se colocando, presentemente, no lugar de herói, que, não raro, teria cometido o assassinato libertador sozinho<sup>71</sup>. Especialmente, pensa-se aqui, que o protótipo do neurótico moderno ocorre não pela identificação dada uns aos outros na responsabilidade coletiva pelo ato, mas sim pela ideia de um herói usurpador. Sobretudo, porque se acredita que sozinho, executa, autor de uma transgressão que só é levada de fato pela cumplicidade de todos que o neurótico se sente culpado. “A culpa tem a medida exata de sua ilusão de individualidade e autonomia.”<sup>72</sup>

Sob uma nova visão, as condições objetivas que produziam as comunidades tradicionais, regidas pelas formações sociais estáveis, capazes de dispensar o sujeito de se tornar neurótico, desapareceram com a modernidade. “É o indivíduo neurótico que trata a Psicanálise, e das implicações de sua condição de sujeito separado de uma coletividade protetora.”<sup>73</sup>

Para Freud, o ato do assassinato do chefe, talvez repetido insistentemente na sociedade, tenha sido de fato cometido, não somente simbolicamente. A humanidade inicia, assim, por um crime cometido em conjunto, que parece ter possibilitado o surgimento do sentimento de culpa; por conseguinte entende-se que tenham se criado “as organizações sociais, as restrições morais, as religiões”. Portanto, cabe assinalar que ‘descoberto’ por Freud, o complexo de Édipo, no nível do psiquismo individual, tem da mesma forma um papel determinante e estruturante no nível da vida coletiva, no laço social. Certamente, nos é conhecido que não continua sendo necessário que o ato ocorra para que a fantasia se desenvolva, uma vez que a fantasia é inventiva, nutre-se das impressões e das projeções mais inesperadas e é expressão da pulsão e do desejo; isto não impede que a realidade ofereça seu ponto de partida e seu ponto de apoio à sua criação e à sua manifestação.<sup>74</sup>

---

<sup>71</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p. 47.

<sup>72</sup> KEHL, Maria Rita. *Op. cit.*, 2002, p.47.

<sup>73</sup> KEHL, Maria Rita. *Op. cit.*, 2002, p. 48.

<sup>74</sup> ENRIQUEZ, Eugène. *Psicanálise e ciências sociais. Ágora*, Rio de Janeiro, v. VIII n. 2 jul/dez 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v8n2/a01v8n2.pdf>.

## 1.2 Perdas: da tradição e da verdade

Em se tratando das sociedades tradicionais, tanto o ser, tido como filiação, quanto o bem e a verdade, tidos como as restrições morais e os mitos tidos em nome das restrições, antecedem a entrada dos indivíduos no mundo, e estão visivelmente decididos e prescritos no código da cultura. Sem dúvida, temos acenado para a prescrição das consequências das infrações aos tabus; o sujeito parece poder escolher transgredir, mas lhe é conhecido o fato de haver um preço a pagar por tal transgressão, bem como o que está transgredindo lhe é claro. Para Freud, as formações sociais libertam o sujeito da necessidade de dar uma resposta neurótica a seu conflito. Nas sociedades tradicionais, há a ideia de que o conflito não deixa de existir; sobretudo, ainda que não seja essencialmente intrapsíquico, ele ocorre entre os homens e suas regras instituídas no grupo.<sup>75</sup>

Sobre a psicologia individual e a social em “Psicologia das massas e análise do eu” (1921/1996), Freud pontua:

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado de perto. É verdade que a psicologia individual se relaciona com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raras vezes [...] se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um *modelo*, um *objeto*, um *auxiliar*, um *oponente*, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social.<sup>76</sup>

Parece-nos claro que o campo social está para o indivíduo e este não vive fora dele. O sujeito humano é um ser social e se faz senão pelos outros - em particular num primeiro momento, os pais ou os primeiros educadores - que podem reconhecê-lo como totalidade, da qual eles falam, e que antecede a seu primeiro regozijo de

---

<sup>75</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p. 51.

<sup>76</sup> FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII, p. 81, [1921-1996].

existir no momento do “Estádio do Espelho”<sup>77</sup>; no que concerne aqui, “basta compreender o estádio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, é a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”<sup>78</sup>. Assim, como portador de desejos que podem assegurar-lhe seu lugar na dinâmica social, um lugar que ele deverá investir narcisicamente, a fim de continuar a tradição ou de combatê-la. No seminário de 1956-57/1995 – “A relação de objeto” Lacan afirma: “[...] o estádio do espelho [...]. Ele ilustra o caráter de conflito da relação dual.” Portanto, o estágio do espelho apregoa por definição algo que não se refere nem a um simples estágio, nem somente à experiência do espelho, pois o que está em pauta no final das contas é o advento da alteridade.<sup>79</sup>

O percurso da passagem de um ser *associal* animado por um desejo de total-potência (ligado, de fato, a um sentimento de real impotência), a um ser social que integra os valores de seu grupo e se localiza em relação a eles, e ao acesso à humanidade, acontecem pelos processos de socialização, que são tidos como uma violência “necessária” e “estruturante”<sup>80</sup>, por, além disso, proporcionarem a experiência da castração simbólica. Esse processo, vivido de forma ‘normal’<sup>81</sup> pela humanidade, implica afirmar que ela ocorre pela intermediação dos processos de recalçamento e idealização que se instauram, a capacidade de amar o outro e de se amar – a libido objetal não sendo necessariamente oposta à libido narcísica –, de trabalhar com os outros, de sublimar suas pulsões mais violentas e mais destrutivas nas artes, nas ciências e em toda atividade socialmente valorizada.<sup>82</sup>

Ora, tratando-se da temática humanidade, podemos assinalar que esta sofre um importante impacto no que diz respeito ao assunto capitalismo, pois este último substituiu definitivamente a ideia de um bem supremo pela ideia da *dimensão dos bens*, proposta por Lacan, “instaurando a promessa permanente de que o sujeito poderá contornar o seu desejo, encontrando no real (no mercado), o equivalente possível de seu bem.” Há portanto, uma crise muito maior, que abala as certezas

---

<sup>77</sup> LACAN, J. O estádio do espelho como fundador da função do eu, In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1949/1998, p. 96-103.

<sup>78</sup> Lacan, J. Op. cit., p. 96-103.

<sup>79</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995, p.15.

<sup>80</sup> AULAGNIER, P. *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

<sup>81</sup> Grifo da autora em assinalamento do tema normal, o que viria a ser normal na atualidade.

<sup>82</sup> ENRIQUEZ, Eugène. *Ibid.*, 2005.

sobre o ser, o bem e a verdade.<sup>83</sup> Situando Agamben em uma entrevista recente, esclarece ele sobre o capitalismo: “O capitalismo é uma religião, e a mais feroz, implacável e irracional religião que jamais existiu, porque não conhece nem redenção nem trégua. Ela celebra um culto ininterrupto cuja liturgia é o trabalho e cujo objeto é o dinheiro”.<sup>84</sup>

A individualização, tida como modo de subjetivação correspondente à vigência do poder soberano, exige não só a separação entre cada homem e todos os outros que rodeiam, vivos ou mortos, como também, para que a convivência seja possível nesses novos termos, exige a separação entre cada homem e uma grande parte de si mesmo.<sup>85</sup>

Há como significado para “Civilização”<sup>86</sup>, nome que damos a esse estado de separação entre os homens; sobretudo, entre cada homem e seus impulsos, suas necessidades fisiológicas, boa parte de seus afetos e de suas vontades. Em *O futuro de uma ilusão* (1927/1996), Freud escreve sobre cultura-civilização:

A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais — e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização —, apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, em especial, a distribuição da riqueza disponível.<sup>87</sup>

---

<sup>83</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p. 51.

<sup>84</sup> AGAMBEN, Giorgio. “*Deus não morreu. Ele tornou-se Dinheiro*”. Entrevista com Giorgio Agamben. Entrevista concedida a Peppe Salvà e publicada por Ragusa News, 16-08-2012. Quinta, 30 de agosto de 2012. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>

<sup>85</sup> KEHL, Maria Rita. *Op. cit.*, 2002, p. 52.

<sup>86</sup> Segundo o historiador holandês Johan Huizinga (1872-1945), só é possível vislumbrar-se a existência de uma civilização quando são preenchidos três requisitos primordiais: 1 – certo grau de domínio da natureza física a partir de boas técnicas científicas e industriais. 2 – um indispensável equilíbrio entre esse progresso técnico e esse domínio do homem sobre a natureza física, e um correspondente progresso moral e o domínio do homem sobre a sua própria natureza espiritual. 3 – a existência de um ideal comum, como característica da feição espiritual de uma época ou de um povo. (<http://www.significados.com.br/civilizacao/>).

<sup>87</sup> FREUD, S. (1996) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (1927): “O futuro de uma ilusão”, v. XXI, p.15-16.

Foi entre o Feudalismo e a Modernidade que o longo “processo civilizador” produziu a divisão entre o público e o privado, entre aquilo que se pode fazer na companhia dos outros e o que só se faz no isolamento, sem o olhar espectador do outro; entre o que pode ser nomeado em sociedade e aquilo que o homem educado não pode dizer nem a si mesmo<sup>88</sup>. Mas também nos é conhecido que aquilo que ora era tido em sigilo, já não o é com o advento da tecnologia que permite o espetáculo do revelar a vida em isolamento, seja em programas televisivos ao estilo *Reality Show*, seja pelos inúmeros produtos vigilantes (câmeras, canetas, escutas e outros), seja ainda pela hiperestimulação das redes sociais que protagonizam o sujeito aos moldes da falsa ideia de autonomia.

Certamente, é prudente a recordação de que Freud<sup>89</sup>, ocupando-se dos aspectos concernentes ao enlace entre o sujeito e a cultura, indicou e distinguiu as dificuldades relativas à organização social no artigo *O Mal-estar na Cultura*. No presente texto, Freud assegura que a cultura tem como uma de suas funções regular as relações dos homens entre si, mas que sua instauração depende exatamente da renúncia à satisfação pulsional, especialmente a renúncia à agressividade. Assim, denominada de frustração cultural, a insatisfação é colocada como uma condição prévia para a cultura. E, concentrado em suas ideias, constata que a perda da felicidade, por meio do sentimento de culpabilidade engendrado pela cultura, é o preço pago pela evolução cultural.<sup>90</sup>

Conforme Freud, são três as vias de sofrimento, assinalando: a decadência do próprio corpo, o mundo exterior e as relações com os outros. Proporcionalmente ao destaque para o sofrimento advindo dos relacionamentos humanos, somam-se a constatação de que a finalidade de evitar o sofrimento se sobressai àquela da busca pelo prazer, a despeito de considerar que a procura de uma satisfação ilimitada é uma norma de conduta tentadora. Freud elege três formas principais de diminuição desse sofrimento: distrações que fazem parecer pequena a nossa miséria, satisfações

---

<sup>88</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p. 52.

<sup>89</sup> FREUD, S. *El mal estar en la cultura* (Obras Completas, Vol. 21, pp. 57-140). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1929), 2007.

<sup>90</sup> TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&nrm=iso)>.

substitutivas que a reduzem e os narcóticos que nos tornam insensíveis a ela. O isolamento social é tido como uma maneira de evitar o sofrimento advindo do relacionamento humano.<sup>91</sup>

Todavia, cabe sinalizar que:

como o sentido de nossos atos se produz por meio das práticas falantes que circulam socialmente, toda uma grande parcela de impulsos e vontades que o sujeito cala ou esconde – em troca da convivência com os outros – vai se silenciando, até se alienar do próprio eu, formando assim o sujeito dividido que desconhece a dimensão do que cedeu ao Outro.<sup>92</sup>

O sujeito civilizado é o sujeito do inconsciente da Psicanálise e, de tal modo, é o sujeito do desejo, esquematizado por Freud a partir da noção de inconsciente, marcado e movido pela falta. Sujeito este distinto do ser biológico e do sujeito da consciência filosófica. Constituído pela inserção em uma ordem simbólica que o antecede, esse sujeito é atravessado pela linguagem, tomado pelo desejo de um Outro e mediado por um terceiro.<sup>93</sup>

Na atualidade, temos o sujeito à mercê de um Outro pouco interditado, pouco marcado por uma falta simbólica, portanto, imaginariamente passível de completude, o que torna o sujeito suscetível à objetalização; aí, obviamente, reside o abalo nessa noção de sujeito de desejo proposta pela Psicanálise. Igualmente, a apatia, alienação e angústia são marcas comuns em que a falta não se instala de maneira efetiva, pondo em questão o estatuto do sujeito do desejo. “Imerso num discurso da apologia de uma suposta felicidade plena proporcionada pelo saber científico, saber este que pretende superar todo e qualquer limite e suprir toda e qualquer falta”, observa-se que o declínio da lei da castração se torna manifesto e “produtor de condutas e atuações delirantes e transgressoras.”<sup>94</sup>

---

<sup>91</sup> TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando, *Ibid.*, 2011.

<sup>92</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p. 52.

<sup>93</sup> TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Op. cit., 2011.

<sup>94</sup> TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando, *Ibid.*, 2011.

Há uma crise na subjetividade e, por assim dizer, na Modernidade<sup>95</sup>, devido, de certo modo, à questão do desamparo originário e às mudanças ocorridas também na sociedade. Atualmente, e não somente no mundo atual, a imagem do sujeito não é mais reconhecida pelo Outro a partir do “ser”, mas do “ter”. Ela é reconhecida na medida em que o sujeito tem capacidade para possuir objetos. Assistimos, assim, a um desinvestimento nas trocas inter-humanas ou intersubjetivas. A fragmentação da subjetividade ocupa lugar fundamental na nova configuração do social no Ocidente. Houve, portanto, diferentes mudanças sociais, econômicas, culturais, ideológicas, entre outras. A autora utiliza o termo *face contemporânea do desamparo* para sustentar que esse movimento é gerado a partir de uma perda nas relações dos homens com o saber e com a verdade.<sup>96</sup>

É a partir da Renascença, que as civilizações do Ocidente testemunharam à substituição da visão unificada do mundo medieval por outra, muito mais fragmentada, que nos apresenta um mundo em constante mutação, desvinculado do plano divino. Um mundo de indivíduos particulares vivendo experiências particulares, em época e lugares particulares. Se a relação solitária, portanto, desamparada do sujeito com a verdade vem sendo pensada desde Descartes, que pretendeu responder a ela por meio da dúvida sistemática, os filósofos empiristas do séc. XVII avançaram vários passos na direção da dessacralização dessa verdade ao propor a prevalência do particular sobre os universais e da experiência sobre a revelação.<sup>97</sup>

Igualmente, essa obliteração na unicidade do discurso do Outro trouxe a necessidade de autofundação das escolhas subjetivas que produziu, conseqüentemente, o apelo a uma rede de interlocuções horizontais, a partir de onde se pudesse enunciar algum tipo de verdade que sustentasse o desamparo dos sujeitos modernos, desde o final da Renascença<sup>98</sup>. Kehl segue suas reflexões, pontuando que:

---

<sup>95</sup> BARTUCCI, Giovanna [org.]. *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

<sup>96</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p. 52.

<sup>97</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p. 53.

<sup>98</sup> KEHL, Maria Rita. *Op cit.*, 2002, p. 53.

Uma das respostas possíveis – certamente a mais poderosa – à nossa separação de um estado de natureza sempre foi a produção, pela cultura, de modos de religação entre o homem e o universo, entre os homens e o Pai perdido (Deus), entre o homem e sua comunidade terrena. As religiões e todas as outras formações simbólicas próprias das sociedades tradicionais, cuja função sempre foi conferir aos sujeitos uma destinação e uma série de práticas, rituais ou não, que lhes garantissem um lugar no desejo do Outro, são atenuantes para o desamparo.

Para a autora, essas formações necessárias para a condição humana, também são tidas como modos de pertinência, de produção de sentidos para a vida, de filiação, de amparo simbólico. Sabemos que o desamparo é parte da condição humana; desse modo, por meio de um mundo feito de linguagem, as grandes formações da cultura têm como implicação funcional proporcionar, certas estruturas razoavelmente sólidas de apoio para esses seres por definição desgarrados da ordem da natureza.<sup>99</sup>

Sobretudo, é possível aferir a tradição, ancorada pela possibilidade de situar as pessoas numa sociedade, orientando e explicitando sobre o que é esperado de cada sujeito a partir do nascimento, bem como a religião, que produz sentido tanto para a vida quanto para a morte, orientando para as escolhas morais; principalmente, os mitos que “explicam por que as coisas são como são e fundamentam as interdições necessárias à manutenção do laço social.”<sup>100</sup>

Os antepassados detêm um saber a ser transmitido de geração a geração, garantido uma perpetuação do sentido da experiência individual através dos tempos. Há uma relação de continuidade entre a memória dos mortos ancestrais, o lugar dos adultos vivos e o de seus descendentes; nessas condições, o fio do tempo talvez se desenrole mais devagar e, sobretudo, talvez não precise ser recomendado a cada geração, ou várias vezes ao longo de uma vida.<sup>101</sup> Assim,

Existe um legado dos antepassados, ancestrais e contemporâneos que vai sendo deslocado, transferido e passado de uma geração a outra. Legado de direitos e de deveres que pode ser assumido como próprio, questionado, contestado ou transformado. Legado que se inscreve no sujeito como ideal e

---

<sup>99</sup> KEHL, Maria Rita. Op cit., 2002, p. 53.

<sup>100</sup> KEHL, Maria Rita. Ibid., 2002, p. 53-54.

<sup>101</sup> KEHL, Op cit., 2002, p. 53-54.

se integra ao superego, podendo, a partir disso, ser vivido como desejo próprio.<sup>102</sup>

São, com efeito, duas as características que fazem nossa situação, portanto, nossa forma de modernidade, conforme assinala Bauman<sup>103</sup>, nova e diferente, a primeira diz do colapso gradual e o rápido declínio da antiga ilusão moderna,

da crença de que há um fim do caminho em que andamos, um *telos* alcançável da mudança histórica, um Estado de perfeição a ser atingido amanhã, no próximo ano ou no próximo milênio, algum tipo de sociedade boa, de sociedade justa e sem conflitos em todos ou alguns de seus aspectos postulados: do firme equilíbrio entre oferta e procura e a satisfação de todas as necessidades; da ordem perfeita, em que tudo é colocado no lugar certo, nada que esteja deslocado persiste e nenhum lugar é posto em dúvida; das coisas humanas que se tornam totalmente transparentes porque se sabe tudo o que deve ser sabido; do completo domínio sobre o futuro - tão completo que põe fim a toda contingência, disputa, ambivalência e consequências imprevistas das iniciativas humanas.<sup>104</sup>

Desse modo, compreende-se uma sociedade obsessivamente higienista, normativa de condutas certas e politicamente corretas, sobretudo porque essa espécie de transparência intencional estaria a serviço de mascarar e camuflar justamente o oposto, o caos e a desorganização. A segunda<sup>105</sup>, analisa-se, é relacionada à desregulamentação e à privatização dos deveres e tarefas modernizantes. Alude-se de uma “individualização” de determinadas propriedades coletivas, de uma autoafirmação dos indivíduos; de uma mudança de *lócus* no que tange aos discursos éticos e político.

O que costumava ser considerado uma tarefa para a razão humana, vista como dotação e propriedade coletiva da espécie humana, foi fragmentado ('individualizado'), atribuído às vísceras e energia individuais e deixado à administração dos indivíduos e seus recursos. Ainda que a ideia de aperfeiçoamento (ou de toda modernização adicional do status quo) pela ação legislativa da sociedade como um todo não tenha sido completamente abandonada, a ênfase (juntamente, o que é importante, com o peso da

---

<sup>102</sup> Disponível em [http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5138/5138\\_5.PDF](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5138/5138_5.PDF). p. 100.

<sup>103</sup> BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

<sup>104</sup> BAUMAN, Zigmunt. *Op.cit.*, 2001, p. 37.

<sup>105</sup> BAUMAN, Zigmunt., *Op.cit* 2001.

responsabilidade) se trasladou decisivamente para a autoafirmação do indivíduo. Essa importante alteração se reflete na realocação do discurso ético/político do quadro da 'sociedade justa' para o dos 'direitos humanos', isto é, voltando o foco daquele discurso ao direito de os indivíduos permanecerem diferentes e de escolherem à vontade seus próprios modelos de felicidade e de modo de vida adequado.<sup>106</sup>

Kehl<sup>107</sup> afirma que na Modernidade, “se Deus ainda não deixou de existir, certamente foi destituído de algumas de suas funções”. A quebra do poder absoluto e da detenção da palavra do Pai da Igreja Católica, impulsionou a uma multiplicidade de saberes, forçando os homens a escolherem sua filiação simbólica. Se as sociedades preservam ainda a ideia de um Deus, o fato é que já não existem mais as condições para que esse Deus seja Um. Consoante a isso, Bauman<sup>108</sup> insiste em assinalar, com a emancipação das crenças no ato de criação, revelação e condenação eternas, os seres humanos, sob sua própria responsabilidade, empreendem ações sob seu próprio julgo, conquanto também se encontre, em alguma medida, sob o julgo dos seus pares e da sociedade. O que o homem faz ele mesmo pode desfazer.

Os limites, agora, estão relacionados aos próprios recursos, dons adquiridos ou herdados, coragem, determinação, força de vontade. Ser moderno, acrescenta Bauman<sup>109</sup>, implica o movimento constante, a incapacidade de parar, de permanecer estagnado. A impossibilidade de atingimento das satisfações encontra-se na consumação sempre futura, nos objetivos que desvanecem e perdem sua atração e potencial de satisfação no ato de sua realização, talvez antes. “Ser moderno significa estar sempre à frente de si mesmo, num Estado de constante transgressão [...], também significa ter uma identidade que só pode existir como projeto não realizado.”

Corroborando os aspectos que direcionam para a temática do esvaziamento e da perda da tradição e da verdade, têm-se abaladas as estruturas representativas de autoridade, passa-se pela transmissão oral à letra escrita, da passagem de uma subjetividade totalmente sustentada em uma palavra de autoridade a uma subjetividade feita a cargo do próprio indivíduo. Em pleno argumento, temos a função

---

<sup>106</sup> BAUMAN, Zigmunt. *Ibid.* 2001, p.37-8.

<sup>107</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p. 54.

<sup>108</sup> BAUMAN, Zigmunt. *Op. cit.*, 2001, p. 37.

<sup>109</sup> BAUMAN, Zigmunt. *Op. cit.*, 2001, p. 37.

nomeadora e estruturante do “Pai” lentamente se desvinculando da figura dos representantes de Deus na terra, tornando-se mais abstrata, e seus desígnios mais enigmáticos, passíveis de interpretações individuais, diferenciadas.<sup>110</sup>

Ou seja, “tanto prática como teoricamente, não estamos mais em posição de saber o que a autoridade realmente é”<sup>111</sup>. Conjectura-se que a falência da autoridade, das instituições religiosas, sejam elas quais forem, e a quebra dos ideais transcendentais da metafísica que permearam o pensamento político, teológico e filosófico, desde o fim da Antiguidade, ainda não foram suficientemente compreendidos e são possivelmente interface para inúmeros cenários a serem investigados.

Percebe-se, pois, que o *supereu*, essa instância psíquica encarregada de perpetuar para os sujeitos desejantes as interdições e os ideais paternos e, ao mesmo tempo, vigiar seus atos e sua consciência, comparando-os rigorosamente com aqueles mesmos ideais, internaliza-se e torna-se inconsciente e cada vez mais cruel, à medida que os representantes simbólicos do Pai – avalizadores autorizados da Lei e da verdade – pulverizam-se e se enfraquecem nas sociedades modernas.<sup>112</sup>

Kehl é envolvente ao assinalar que são muitas as situações reais que abalaram a tradição, especialmente, porque o individualismo contemporâneo começou a assumir seus primeiros contornos mais nítidos. Além das transformações ocorridas a partir da Renascença, com a invenção da imprensa e a enorme circulação da palavra escrita, surge uma palavra com um enorme potencial transgressivo, impossível de ser retida em bibliotecas oficiais, uma palavra plural e vasta e “diluída em diversos sabores”, mas que, sobretudo, antecipa a livre circulação de ideias remetendo cada sujeito, como leitor isolado de um texto, ao contato direto e personalizado com o saber de um Outro cada vez mais abstrato. Ao destinar a autonomia proporcionada pela liberdade, há uma espécie de instauração de desamparo, por supormos que cada sujeito se encarrega de sua versão particular. Concatenado a exprimir uma versão particular existe o desamparo que essa liberdade também proporciona.<sup>113</sup>

---

<sup>110</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p. 56.

<sup>111</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. 3. ed. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Editora perspectiva, 1992. Capítulo 3, p. 128.

<sup>112</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002.

<sup>113</sup> KEHL, Maria Rita. *Op cit.*, 2002.

Freud ([1929] 1996), em *Mal-Estar na Civilização*, argumenta que o que suscita esse mal-estar, esse desamparo possivelmente é a sensação de não fazer mais parte do mundo, sem saber exatamente onde se encaixar: a pergunta que recai é - a qual lei e a qual palavra filiar-se? Observa-se que já não há a “palavra do mais forte”, que dita quem sou e para onde devo ir<sup>114</sup>. Ganhamos a liberdade de escolha, mas precisamos engendrar essa meia verdade da linguagem, da palavra que se desloca, detentora de múltiplos significantes, nem último, nem fixo, nem fora da linguagem,

que garanta uma ancoragem para as significações [...]. O homem moderno padece da falta de referentes estáveis para a linguagem; ainda que tentemos negá-lo, aderindo a crenças e dogmas, o próprio fato de nos ser permitido escolher nossa filiação a um corpo dogmático já torna evidente sua arbitrariedade.<sup>115</sup>

Analisa-se que já não se oferece somente uma filiação nem um destino determinado a ser seguido. Daí ressurgem aspectos da religião e o sentimento de religiosidade; o quanto estes se tornam fortalecidos, na tentativa do homem de encontrar para si algumas respostas e de alguma forma livrar-se da angústia de desamparo. “O sujeito não está apenas desamparado na própria linguagem. Precisa tomar cuidado com o que diz. Não é mais possível, como Descartes, fundar o ser na representação.”<sup>116</sup>

Passamos então, conforme a autora, a perceber que a linguagem, no período clássico, deixa de ser entendida como o conjunto de nomes dados por Deus às coisas do mundo para se tornar representação harmoniosa do mundo, pois o uso da linguagem é garantia de maior aproximação entre a representação e a verdade. A verdade surge como uma espécie de efeito de estilo, que se encontra ao lado da retórica e das técnicas de bem dizer. Na Modernidade, a linguagem já não é mais nem o conjunto dos nomes das coisas, nem a representação harmoniosa da verdade, mas a expressão de quem fala.<sup>117</sup> Desse modo, enquanto

---

<sup>114</sup> FREUD, Sigmund. El Malestar em la Cultura [1929/1930]. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Buenos Aires: Biblioteca Nueva, 1996. t. III.

<sup>115</sup> KEHL, Maria Rita. Op cit., 2002, p. 67.

<sup>116</sup> KEHL, Maria Rita. Ibid., 2002, p. 67.

<sup>117</sup> KEHL, Maria Rita. Op cit., 2002.

O homem moderno padece da falta de referentes estáveis para a linguagem; ainda que tentemos negá-los, aderindo a crenças e dogmas, o próprio fato de nos ser permitido escolher nossa filiação a um corpo dogmático já torna evidente sua arbitrariedade. Essa negação, que nos ajuda a suportar no dia a dia a precariedade da linguagem na constituição da relação com o outro, não pode impedir o sentimento de desamparo de um sujeito que sabe que nada funda a verdade da linguagem além de seu uso.<sup>118</sup>

Lacan propõe o Nome do Pai, como uma função organizadora da relação entre os outros, como significante (S1) da cadeia, pois a partir do inconsciente, essa cadeia produziria um efeito equivalente ao do “*bem supremo*” “que servia de fundamento para a ética dos antigos e que fornecia um sentido para a vida que pudesse ser tido como inquestionável.” No entanto, sabe-se que os desdobramentos imaginários e a organização dos significantes que produzem a ilusão das significações variam conforme as relações de poder entre os homens sobretudo porque são construções humanas.<sup>119</sup>

Essa precariedade do estabelecimento de dignificações pela linguagem tem consequências, no tocante à relação dos homens com a Lei e com a autoridade que a representa. A Lei, assim como as linguagens, são os fundamentos do humano cuja origem se perdeu no tempo – daí seu poder, seu “efeito de transcendência” sobre as questões mundanas. Não é a expressão individual e atual dos sujeitos, mas, ao contrário, condições de seu assujeitamento.<sup>120</sup>

Pacheco<sup>121</sup> sublinha de forma contundente que o desamparo primordial é como o “momento constitutivo em que o sujeito se encontra passivamente diante do desejo do Outro”; sobretudo, diante da dependência humana em relação à linguagem, que além de fornecer significado à existência do homem também fornece dependência ao outro, pois é ele quem compartilha da ilusão de tal significado. Na ausência de uma identidade fixa – da resposta única e fechada da pergunta “Que sou?” –, criamos significantes que nos identificam, mas sinalizamos que sempre parcialmente. Podemos chamar essa situação de eficácia simbólica, identificando o poder das palavras e da narrativa – palavras que nos dão significados, sentidos, historicização.

---

<sup>118</sup> KEHL, Maria Rita. Op cit., 2002, p.68.

<sup>119</sup> KEHL, Maria Rita. Ibid., 2002, p.68.

<sup>120</sup> KEHL, Maria Rita. Op cit., 2002, p.68.

<sup>121</sup> PACHECO, Olandina M. C. de Assis. *Sujeito e singularidade: ensaio sobre a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 56.

Desse modo, o sujeito está sempre às voltas com a busca de uma filiação simbólica, sobretudo, de modos de pertinência, de produção de sentido para a sua vida.

Nesse sentido, corroborando o percurso de identificação proposto, entende-se que a face contemporânea do desamparo,

consiste ainda nessa impossibilidade radical de restaurar a imagem onipotente do Pai, impossibilidade intrínseca à própria linguagem, em sua incapacidade de revelar a verdade. Recusa de qualquer completude de sentido, nosso desamparo na linguagem é também condição do advento do sujeito da psicanálise, impossibilitando de sustentar-se pela identificação a qualquer significante.<sup>122</sup>

É evidente que ao debatermos sobre o processo civilizatório, principalmente, sobre o processo de subjetivação do sujeito da psicanálise, mencionamos o Complexo de Castração e a instância paterna como princípio da articulação significante e produção do sujeito. Pois, acenamos para o nosso limite, à nossa impossibilidade proibida, assim, à nossa falta, ao nosso desamparo. Estamos sempre em busca da resposta à pergunta “O que sou?”, já que não somos o falo, indagação diretamente relacionada à pergunta “O que o outro quer de mim?”, pois essa é a nossa condição humana: ir em busca desse “mais além da mãe”, conforme o que nos assinala Lacan.<sup>123</sup>

Sabe-se, conforme Kehl, que a quebra, ou enfraquecimento, das tradições na Modernidade, torna esse desamparo ainda mais dramático já que as tradições são os suportes da transmissão da Lei e estão na interface entre o imaginário e o simbólico. No plano imaginário, as narrativas, lendas e mitos tinham a função de nomear a origem e a razão de ser das prescrições tradicionais, além de situar os agentes criadores desta num passado ancestral, tempo do Pai fundador primordial. No simbólico, inscrevem-se os lugares dos membros de um agrupamento humano na estrutura do grupo. Portanto, é facilitado o reconhecimento do valor particular de cada um, além de seus direitos e deveres. Tudo isso constitui a função de destino para um

---

<sup>122</sup> KEHL, Maria Rita. Op cit., 2002, p. 68.

<sup>123</sup> LACAN, Jacques. *Seminário IV: a relação de objeto [1956-1957]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 218.

homem: do que não é objeto de escolha do que já estava decidido antes mesmo de seu nascimento. Na interface entre simbólico e imaginário, a tradição oferece alguma consistência ao ser alguma estabilidade à verdade, proporcionando sentido e direção à vida dos homens.<sup>124</sup>

Em nome de maior segurança, conforme Freud, nós tendemos a estar prontos para sacrificar e ceder grande parte de outro valor que exaltamos, a liberdade. “Contudo, como esses dois valores não são na prática plenamente conciliáveis (para qualquer aumento da segurança é preciso pagar com uma parte de liberdade, e vice-versa!),” a vida humana é inevitavelmente: segurança e liberdade - para sempre incompleta. “É da natureza desse compromisso, por conseguinte, que ele não seja plenamente satisfatório; qualquer arranjo específico induz os dois lados a negociar ou a impor um equilíbrio diferente de ganhos e perdas”<sup>125</sup>. Assim, o ser humano,

Quando não é reduzido a mais um competidor na massa, o ‘indivíduo’ é tratado como ‘consumidor’. A operação consiste em apelar para a dimensão do desejo, que é singular, e responder a ela com o fetiche da mercadoria. A confusão que se promove, entre objetos de consumo e objetos de desejo, desarticula, de certa forma, a relação dos sujeitos com a dimensão simbólica do desejo, e lança a todos no registro da satisfação de necessidades, que é real. O que se perde é a singularidade das produções subjetivas, como tentativas de simbolização.<sup>126</sup>

De tal modo, Arendt nos desconcerta, mas ao mesmo tempo esclarece, assinalando que a partir da crescente alienação do mundo, - a época moderna-conduziu o homem a uma espécie de situação em que aonde ele for ele encontra apenas a si mesmo. Parece que nem a história e muito menos a natureza são concebíveis, pois a dupla perda do mundo, a perda da natureza e da obra humana em seu senso lato, fez com que “atrás de si estivesse uma sociedade de homens”, aonde se deparam sem um mundo comum que os possa relacionar ou separar, e a saída é ou ser comprimido em uma massa, ou viver a separação desesperadamente solitária. E ela segue argumentando que uma sociedade de massas, se estabelece organizada

---

<sup>124</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002.

<sup>125</sup> BAUMAN, Zygmunt, MAURO, Ezio. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016, p.14.

<sup>126</sup> KEHL, M. R. O espetáculo como meio de subjetivação. In: Bucci, E. & Kehl, M. R. *Videologias: ensaios sobre televisão* (p. 43-62). São Paulo: Boitempo, 2004, p. 50-1.

entre as pessoas que se relacionam, “mas perderam o mundo outrora comum a todos eles.”<sup>127</sup>

---

<sup>127</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 126.

## 2 ÉTICA EM LACAN

### 2.1 Desejo e Significante: existindo e sendo

*“le choix que je suis”*<sup>128</sup>

Aspectos do campo da Ética como o *Bem*, o *Belo*, a Morte, o Prazer, a Felicidade são temas que Lacan postula inspirado na Filosofia grega clássica em que, sabe-se, a Ética refere-se a uma boa maneira de ser ou de se conduzir na vida. Em seu Sétimo Seminário, a implicação está alocada na dimensão do desejo. Afirma-se que a Ética da Psicanálise está centrada, mais precisamente, no desejo, por conseguinte, está afastada dos imperativos do *supereu* e dos ideais sociais. Outrossim, cabe assinalar que ela não os despreza, ao contrário da moral, não está articulada ao Bem Supremo: a Ética psicanalítica tem como horizonte o real, enquanto a Moral tenta recobrir a impossibilidade do real por meio de regras e proibições, é por isso que “a dimensão do bem levanta uma muralha poderosa na via de nosso desejo”<sup>129</sup>. O tema da questão ética sempre esteve presente no pensamento de Freud. Mais especificamente, Freud abre uma via (“lá onde isso estava, o eu [sujeito] deve advir”<sup>130</sup>) que enfatiza a função fecunda do desejo no direcionamento da ação humana que, por sua vez, está no centro da discussão ética. A Ética é da Psicanálise e não de cada um dos que a exercem.

É no Seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, que Lacan discorre sobre a tese de que o estatuto do inconsciente é ético, e para ele o conceito fundamental é o inconsciente, aponta ele: “O estatuto do inconsciente, que eu lhes indico é tão frágil no plano ôntico, e é ético”<sup>131</sup>. Para ele, a ausência de ontologia na obra de Freud exige a construção de uma ética freudiana. Assim, a afirmação da Psicanálise como uma Ética, entende-se sobretudo pela ideia de um

---

<sup>128</sup> “a escolha que eu sou”. (Jean Paul Sartre)

<sup>129</sup> LACAN, J. *Ibid.*, 2008.

<sup>130</sup> O texto no original em alemão é: “*Wo Es war soll Ich werden*” (Onde *isso* era, devo [eu] advir [como sujeito]). FREUD, S. Die Zerlegung der psychischen Persönlichkeit. [Conferência 31]. In: FREUD, Sigmund. *Studienausgabe*. Frankfurt: M., S.Fischer Verlag, 1969-a. v. I, p.516.

<sup>131</sup> LACAN, Jacques. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 37.

projeto de “retorno a Freud”, Lacan postula essa ideia de retorno para desligar a Psicanálise dos aspectos da psicologia do ego, que marcadamente assumiu uma maneira idealizante e ortopédica<sup>132</sup>. Por sua vez, entende-se que dizer que o inconsciente é ético, implica reconhecer que é constituído a partir das relações, tanto entre sujeitos quanto entre significantes, sobretudo, por se tratar de uma construção.

Rajchman postula que;

a psicanálise substitui a psicologia das intenções, dos atos e das necessidades por uma ‘teoria do inconsciente’ – de nossos destinos corporais não anatômicos, de nossos atos sintomáticos e de uma maneira singular e central, das dificuldades de nossas palavras. É que sua meta consiste em nos transformar em cidadãos mais virtuosos ou em trabalhadores mais produtivos [...]. Não é uma meta que possa realizar-se através da instituição de leis positivas ou sanções morais.<sup>133</sup>

O que é ôntico no inconsciente, conforme Lacan, ou o que é uma característica da existência natural do ser, é a fenda nas barreiras do desejo. Afirma que “o que é ôntico, na função do inconsciente, é a fenda por onde esse algo, cuja aventura em nosso campo parece tão curta, é por um instante trazido à luz – por um instante, pois o segundo tempo, que é de fechamento, dá a impressão de um caráter evanescente.”<sup>134</sup>

Pensar o estatuto do inconsciente como ético significa pensar seu estatuto mencionado ao campo do desejo e do gozo. Sobretudo, compreende-se que o inconsciente abriga a verdade do desejo, abriga o que se pode saber acerca da Coisa (*das Ding* ou objeto do desejo), bem como abriga o imperativo do gozo. No inconsciente, toma forma a rede de significantes que marca o sujeito e que se expressa pelas hiências.<sup>135</sup>

E desse modo, refletir o inconsciente como ético é repensar a Ética, diferenciando-a das concepções prévias. A Psicanálise em vez de ser um idealismo,

---

<sup>132</sup> RAJCHMAN, John. *Eros e verdade: Lacan, Foucault e a questão da ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

<sup>133</sup> RAJCHMAN, John. Op. cit., 1993, p. 29.

<sup>134</sup> LACAN, Jacques. (1964). *Ibid.*, 1998, p. 35.

<sup>135</sup> JUNQUEIRA, Camila. *Ibid.*, p. 128.

aprofunda nossa relação com o real. Para Lacan, *réel* não é a realidade, é *ananké*, a própria necessidade libidinal, a imperiosidade do eros que não se pode evitar nem trair. Assim, a Ética da Psicanálise é uma Ética do real (da necessidade, do desejo e dos imperativos de gozo), muito diferente da Ética filosófica do Idealismo. Entre Aristóteles, um dos tantos filósofos a falar de Ética, e Freud, existiram muitos outros teóricos; destacam-se Kant e Bentham, que falaram do Bem, da Lei e do Útil, que, para Lacan, entende-se, são apenas tentativas de idealização para racionalizar nosso referenciamento no real. Em consequência de sua repulsa ao Idealismo, Lacan vai desenvolver o que denominou de “Ética do desejo”.<sup>136</sup> Lacan brilhantemente afirma não só que a “realidade” do inconsciente é problemática e, destarte, deve ser abordada a partir de um estatuto ético, mas que, certamente, a própria prática psicanalítica também pode ser pensada a partir desse estatuto. Ou seja, confirma ele que podemos pensar a Psicanálise como uma Ética do real, uma Ética do encontro traumático, do encontro com o impasse, ou do encontro com o inassimilável.

Ora, a Psicanálise introduz aquilo que Lacan denomina de a Ética do desejo, uma Ética que se refere à falta ou falha estrutural que existe na determinação simbólica do sujeito, resultando em uma impossibilidade de acesso a *das Ding*, objeto do desejo. Assim, apontamos um problema que inclusive reporta à clínica:

o problema de um novo tipo de responsabilidade, a responsabilidade por nosso desejo, um novo tipo de *eros*: o de dizer a verdade desse desejo do qual não podemos ter nenhum conhecimento, mas que está ‘escrito’ no enigma de nossos destinos. Uma análise deve expor a suposição de que nosso desejo seja cognoscível [...]. O eros da prática de uma análise introduziria, pois, uma nova questão ética, a questão da responsabilidade perante algo que é anterior à justa distribuição dos bens, e anterior à formulação de nossas obrigações e seus princípios. Seria uma responsabilidade perante a ‘necessidade’ que é a lei de nosso desejo. Essa necessidade é o que Lacan chama de ‘o real’ como ao escrever que o ‘sujeito é a resposta ao real’. A revolução de Freud na ética pode ser retratada, pois, com o processo mediante o qual o eros de dar um *logos* a nossa vida reorienta-se do Ideal para o Real que é sua fonte.<sup>137</sup>

Teorizando sobre Ética e não sobre Moral, Lacan inicia seu Seminário Sobre a Ética da Psicanálise (1988), retomando o seu seminário do ano anterior, cujo tema

---

<sup>136</sup> RAJCHMAN, John. *Ibid.*, 1993.

<sup>137</sup> JUNQUEIRA, Camila. *Ibid.*, p.130.

central fora “desejo e interpretação”. Ao abordar essa temática, esboça uma espécie de distanciamento do caráter prescritivo dos valores e dos ideais de conduta; sobretudo, porque, para ele, a ética da Psicanálise não se aproxima da Ética da Filosofia. Por conseguinte ele entende, contrariamente à maioria dos filósofos, que a Ética está intimamente ligada à questão do desejo e concatenada, a uma experiência que é da ordem da subjetivação e que não é passível de universalização.<sup>138</sup>

Afirmativo aos ensaios de Freud, Lacan pensa a relação entre a gênese da dimensão moral e a do desejo. Se, para Freud, a renúncia à realização de desejos em benefício da civilização tem papel importante na formação da consciência moral; para Lacan, a dimensão do desejo toma outra forma, pois está mais preocupado em acenar para a análise, pois esta estaria a promover questionamentos éticos para o sujeito, na medida em que há um questionamento acerca do desejo por parte do sujeito. Cabe assinalar que a Ética da Psicanálise, para o autor, orienta-se pela questão do desejo, pela via da ação humana; considerando que o desejo dá o direcionamento à ação, e aí reside o centro da discussão ética. Lacan amplia a dimensão do desejo, referindo a uma falta constitutiva que não pode ser preenchida por um objeto real. O desejo surge na relação com o Outro.<sup>139</sup>

Lacan define o problema da Ética como estando tradicionalmente ligado à distinção entre o que se liga ao prazer e o que caracterizaria um bem final vinculado à instância moral. A instância moral para o psicanalista, presentifica o real, a discussão fundamental, na Ética, da relação entre prazer e bem é articulada, discutindo a relação entre prazer e realidade. Esboçando propedeuticamente a partir da noção de ‘*das Ding*’, trabalhada por Freud no *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]/1990) que sua pesquisa sobre a Ética da Psicanálise volta-se para a questão freudiana da distinção entre princípio de prazer e princípio de realidade.<sup>140</sup>

Além disso, para Lacan, a experiência psicanalítica aponta-nos para o sentimento de culpa, que está relacionado, além da esfera social que, por criar as leis, reprime aquele que não as cumpre, tornando-o culpado, também está intimamente

---

<sup>138</sup> JUNQUEIRA, Camila. *Ibid.*, 2002.

<sup>139</sup> JUNQUEIRA, Camila. *Ibid.*, 2002.

<sup>140</sup> DARRIBA, Vinicius. A falta conceituada por Lacan: da coisa ao objeto *a*. In: *Ágora* (Rio de Janeiro) v. VIII n. 1 jan/jun 2005, p. 63-76.

relacionado ao desejo. Entretanto, a experiência moral na análise não se reduz ao *supereu*, ou seja, “à exploração de seus paradoxos”, que chamei de essa figura obscena e feroz, sob a qual a instância moral se apresenta quando vamos procurá-la em suas raízes.”<sup>141</sup>

Inicia, desse modo, uma distinção entre a lei que vem de fora daquela do significante, da lei do discurso, para explicar a origem do *supereu*. E o desejo, enquanto tal, é falta. É a sua função, fecunda por excelência, que vemos despontar na experiência da análise, que nada mais é senão a experiência do desejo. Lacan é contundente em afirmar: “[...] na articulação teórica de Freud, a gênese da dimensão moral não se enraíza em outro lugar senão no próprio desejo”. Continua apontando que “é da energia do desejo que se depreende a instância do que se apresentará no término de sua elaboração como censura”<sup>142</sup>. E, assim temos: “tomar a palavra” é “tomar a responsabilidade pelo desejo”<sup>143</sup> e, com isso, “cavar o lugar do sujeito”<sup>144</sup> A respeito do desejo, assinala o autor como sendo aquilo que:

se manifesta no intervalo cavado pela demanda aquém dela mesma, na medida em que o sujeito, articulando a cadeia significante, traz à luz a falta a ser com o apelo de receber seu complemento do Outro, se o Outro, lugar da fala, é também o lugar dessa falta.<sup>145</sup>

Esse Outro, tido como a Mãe ou Alguém, inscreve a criança num referencial simbólico e lhe impõe o desejo; sobretudo, porque a partir desse aprisionamento nos significantes, a criança prende-se no universo do Outro. Assim, o desejo fica referido a um vazio, que é causa de desejo, o mencionado objeto *a*.<sup>146</sup>

O sujeito se define pela estrutura simbólica, sendo efeito da linguagem, é dito barrado na medida em que a linguagem não dá conta de simbolizar tudo, e, nessa

---

<sup>141</sup> LACAN, Jaques. *Ibid.*, 2008, p. 16.

<sup>142</sup> LACAN, Jaques. *Op cit.*, 2008, p. 12.

<sup>143</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p. 83.

<sup>144</sup> JULIEN, Philippe. *O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.172.

<sup>145</sup> LACAN, J. (1958-1959). *Le désir et son interprétation – Séminaire 1958 - 1959*. Inédito. (Consultado na versão digital da Association Freudienne Internationale), p.627.

<sup>146</sup> LACAN, Jaques. *Ibid.*, 2008.

impossibilidade de simbolização total a falta é inerente e estrutural ao sujeito. Por mais que o sujeito encontre objetos que lhe pareçam responder ao seu desejo, sempre será de forma fugaz e efêmera, haverá sempre um resto não satisfeito, uma falta que está a serviço de o manter vivo, movimentando-o a buscar algo que o complete. Nesse direcionamento, a frase: “[...] tudo o que existe não vive senão na falta a ser<sup>147</sup>”, empresta sentido e exprime expressão, pois assinala Lacan que “o desejo [...] é desejo de nada que seja nomeável”.<sup>148</sup>

A afirmação da falta do objeto por Lacan não impede, por si só, que ela seja interpretada do ponto de vista da perda do objeto. Associando o desejo à busca da reedição de uma experiência em que tal objeto foi tido (e se foi tido, foi perdido), ficando a falta referida tão somente ao fracasso permanente de tal busca. A falta do objeto não deixa de estar associada a uma origem empírica do desejo.<sup>149</sup>

Salienta Lacan<sup>150</sup>,

o fato de o desejo humano não estar diretamente implicado numa relação pura e simples com o objeto que o satisfaz, mas estar ligado a uma posição que o sujeito adota na presença desse objeto tanto quanto a uma posição que ele adota fora de sua relação com o objeto, de tal modo que nada jamais se esgota, pura e simplesmente, na relação com o objeto.

Aquilo que falta, Lacan chama de Coisa (*das Ding*), é o objeto do desejo que resta no real. Ele se refere à maneira pela qual a falta deve ser concebida, sustenta a ideia de que a falta remete não à empiricidade da ‘Coisa’ perdida, mas se refere à condição de possibilidade do desejo. A Coisa ou *das Ding* indica a falta na origem, o que é ignorado quando se restringe a questão ao contexto da interpsicologia criança-mãe. A falta, portanto, não é relativa a um objeto primordial, mas está, ela mesma, na origem da experiência do desejo, sendo condição de possibilidade desta última –

---

<sup>147</sup> LACAN, Jaques. Op cit., 2008, p. 345.

<sup>148</sup> LACAN, Jaques. Le Séminaire. *Livre 2: Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse* (1954-1955). Paris: Seuil, 1978, p. 261-262.

<sup>149</sup> DARRIBA, Vinicius. Ibid. 2005, p. 67.

<sup>150</sup> LACAN, Jaques. (1998). Le séminaire. *Livre 5: Les formations de l'inconscient* (1957-1958). Paris: Seuil, p. 320.

causa do desejo. Assim, *das Ding* configura-se como uma falta central no registro do desejo, consistindo em centro e índice de exterioridade a um só tempo.<sup>151</sup>

Garcia-Roza<sup>152</sup> assinala que algo no nível das *Vorstellungen* (ou os significantes) sinaliza a coisa, todavia esse algo não é nem a Coisa disfarçada, não é uma coisa, nem um travestir do objeto, “mas é um vazio que não pode ser preenchido por objeto algum.” Denominado por Lacan como ‘objeto a’. Sendo o “índice ou testemunha de *das Ding* [...], ele é um vazio ou um furo [...]. O objeto é o ‘objeto causa de desejo’. “O objeto de desejo é a fantasia. A função do *objeto a*, causa do desejo, é ser produtor da falta, e sua relação com a pulsão é a de ser contornado por ela”.

Lacan conceitua *das Ding* como o verdadeiro segredo, que mantém a homeostase, relacionando à tensão entre prazer e desprazer. Estando a Coisa no centro do nosso desejo e, por assim dizer, constituindo toda a rede de significante, sobretudo, porque dá o encaminhamento ao sujeito pelo referencial do mundo de seus desejos. Ao mesmo tempo em que a Coisa é perdida, ela nunca foi tida, e isso é paradoxal. Buscar-se-á e nunca será encontrada<sup>153</sup>. Ele diz que o desejo é perdido por sua natureza e jamais será reencontrado. Alguma coisa está aí esperando, ou para algo pior ou algo melhor. O mundo freudiano da nossa experiência, permite “esse objeto, *das Ding*, enquanto o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar. Reencontramo-la no máximo como saudade.” Reencontramos suas coordenadas de prazer e não o objeto, e somos ensinados por ele e espera-lo, em nome do princípio do prazer, “o que é buscado é o objeto em relação ao qual o princípio do prazer funciona”.<sup>154</sup>

Em Lacan, a Coisa é anterior a todo recalque, estando, “fora-do-significado”; mas, por outro lado, é o que dá significado para tudo o que vem depois dela, é o que marca a orientação do sujeito.

Pois bem, aqui, é em relação a esse *das Ding* original que é feita a primeira orientação, a primeira escolha, o primeiro assento da orientação subjetiva que

---

<sup>151</sup> DARRIBA, Vinicius. Ibid., 2005, p.67.

<sup>152</sup> GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 88-9.

<sup>153</sup> JUNQUEIRA, Camila. Ibid..

<sup>154</sup> LACAN, Jaques. Ibid, 2008, p. 68.

chamaremos no caso de *Neurosenwahl*, a escolha da neurose. Essa primeira moagem regulará doravante toda a função do princípio de prazer.<sup>155</sup>

Em torno da Coisa, organiza-se a trama de significantes do sujeito. Mas, para Lacan, há, acima e antes de tudo, a Coisa e, portanto, não há objetos bons e maus; após, as experiências vividas são marcadas pelo princípio de prazer e de desprazer e, só então, articulam a Coisa em relação ao bem e ao mal dando forma à trama. Contudo, há algo que barra o prazer na medida em que torna a Coisa intangível; sendo assim, ao mesmo tempo em que essa trama, num nível inconsciente, é governada pelo princípio de prazer e de desprazer, e assim<sup>156</sup>:

Esse objeto, pois se trata de reencontrar, nós o qualificamos de objeto perdido. Mas esse objeto nunca foi perdido, apesar de tratar-se essencialmente de reencontrá-lo. Nessa orientação em direção ao objeto, a regulação da trama, as *Vorstellungen* (representações) atraem uma à outra segundo uma orientação da memória [...] e cujo funcionamento é regulado pela lei do princípio de prazer. O princípio de prazer que governa a busca do objeto e lhe impõe esses rodeios que conservam sua distância em relação a seu fim.<sup>157</sup>

Ocorre em Lacan, assim como em outros autores da Psicanálise, a importância da relação primordial do bebê com a mãe e esta relação é o pilar do desenvolvimento da Psicanálise. Afirma ele que a mãe ocupa o lugar da Coisa; “o correlato disso é, portanto, o desejo pelo incesto. Com isso, Lacan pretende explicar a inacessibilidade da Coisa, que além de perdida é proibida”<sup>158</sup>. E ele acena para um ponto, dizendo que:

É neste ponto que quero detê-los. O que encontramos na lei do incesto situa-se como tal no nível da relação inconsciente com *das Ding*, a Coisa. O desejo pela mãe não poderia ser satisfeito, pois é o fim, o término, a abolição do mundo inteiro da demanda, que é o que estrutura mais profundamente o inconsciente do homem. É na própria medida em que a função do princípio

---

<sup>155</sup> LACAN, Jaques. *Ibid.*, 2008, p.70.

<sup>156</sup> JUNQUEIRA, Camila. *Ibid.*

<sup>157</sup> LACAN, Jaques. *Op cit.*, 2008, p.74.

<sup>158</sup> JUNQUEIRA, Camila. *Ibid.*, p.112.

de prazer é fazer com que o homem busque sempre aquilo que ele deve reencontrar, mas que não poderá atingir, nesse ponto reside o essencial, esse móvel, essa relação que se chama lei da interdição no incesto.<sup>159</sup>

O encontro com o objeto de desejo equivaleria à morte como cessação de demanda; sobretudo, porque a realização do desejo coloca-se numa perspectiva de condição absoluta, de juízo final, pois um desejo só se realiza de fato no final. O que reafirma a tese de Lacan de que a falta é constitutiva<sup>160</sup>. Segue ele, citando sobre a morte, que sua invasão confere seu dinamismo, “quando ela tenta se formular sobre o tema da realização do desejo [...] tudo o que existe senão na *falta-a-ser*”<sup>161</sup>. E segue dizendo mais sobre a inacessibilidade da Coisa, para realizar essa articulação Lacan procura correlacionar Kant com Sade, para Lacan as duas obras apresentam semelhanças, mesmo que Sade pretenda se contrapor à moral Kantiana, ou a toda moral. “A antimoral de Sade é apenas o avesso da moral kantiana, preservando, ainda que em oposição, um a um todos os elementos”. Para Lacan, tanto Kant quanto Sade têm a mesma opinião: “para atingir a Coisa é necessário abrir as comportas do desejo e, aí, o que se encontra é a dor, o gozo extremo que não podemos suportar”<sup>162</sup>. Sobre a proximidade e completude entre os dois autores, Lacan escreve:

Aqui, Sade é o passo inaugural de uma subversão da qual, por mais picante que pareça, considerada a frieza desse homem, Kant é o ponto decisivo, e jamais identificado, ao que sabemos, como tal. *Filosofia na Alcova* surge oito anos depois da *Crítica da razão prática*. Se, depois de ter visto que é compatível com esta demonstrarmos que ela a completa, diremos que ela fornece a verdade da *Crítica*.<sup>163</sup>

E em se tratando da subversão, Lacan esclarece que “tem relação com encontrar o bem no mal. O mal, compreendido, aqui, como o gozo absoluto do Outro, que resulta da destruição do sujeito, uma vez que implica a anulação da falha estrutural e a abolição da demanda.”<sup>164</sup>

---

<sup>159</sup> LACAN, Jaques. *Ibid.*, 2008, p.85.

<sup>160</sup> JUNQUEIRA, Camila. *Ibid.*.

<sup>161</sup> LACAN, Jaques. *Op cit.*, 2008, p.350.

<sup>162</sup> JUNQUEIRA, Camila. *Ibid.*, p.133.

<sup>163</sup> LACAN, Jaques. (1963). *Kant com Sade. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.776.

<sup>164</sup> JUNQUEIRA, Camila. *Ibid.*, p.134.

Para Julien<sup>165</sup>, é notável que a máxima sadiana exposta na *Filosofia na Alcova* satisfaça totalmente aos dois critérios kantianos: pois é incondicional e categórica. Sobretudo porque a verdade que Sade revela em Kant tem relação ao masoquismo moral, ou seja, faz referência à relação entre a lei moral e a dor. O autor considera que, em Kant, a lei moral é totalmente racional, com exceção de sua relação com a dor, chegando a colocar a dor como indicativo de uma lei moral em ação. Observa-se nos escritos de Sade que ele é mais direto e explícito ao colocar a dor/ou gozo absoluto como próprio imperativo moral. Desse modo, tanto para Kant quanto para Sade, o único imperativo é o de gozo. Objetivamente para Julien, quando Kant coloca a felicidade e o bem-estar num segundo plano, abre espaço para o gozo se colocar como imperativo moral.<sup>166</sup>

“No seminário sobre a *Ética da psicanálise*, Lacan fala em “ética do desejo”, mas deixa aberta uma porta para o gozo e, em *Kant com Sade* (1962), dá mais um passo em direção ao que podemos demonstrar de “ética do gozo”<sup>167</sup>. Lacan, ao se indagar: “E se a máxima universal fosse de gozo? E se essa máxima de gozo pretexto<sup>168</sup> o imperativo da lei moral?”, apresenta que, aquém de qualquer possibilidade de racionalidade, a qual Kant definia como base de qualquer ação ética, está o imperativo do gozo, resultado do Real que nunca para de se inscrever.<sup>169</sup>

Ferreira Neto<sup>170</sup>, bem como Junqueira<sup>171</sup> situam a obra de Lacan sobre a Ética da Psicanálise em dois tempos: o primeiro de 1959 a 1970, “ética do desejo”, em que Lacan mostra que a Psicanálise não pode corresponder a expectativa alguma de felicidade ou de bem-estar, em que o princípio ético é “agir de acordo com o próprio desejo”. Nesse primeiro momento, o autor teoriza sobre o registro simbólico. A partir de 1970, no segundo tempo, Lacan introduz com mais força, os conceitos de objeto a

---

<sup>165</sup> JULIEN, Philippe. Ibid., 1996.

<sup>166</sup> JUNQUEIRA, Camila. Ibid.

<sup>167</sup> JUNQUEIRA, Camila. Ibid., p.134.

<sup>168</sup> Significado: motivo que se declara para encobrir a verdadeira razão de (algo); desculpa, subterfúgio, alegação, Desculpa; justificativa apresentada para omitir os reais motivos de alguma coisa. Subterfúgio; alegação de quem não pretende explicar as razões de algo. A pretexto de. Com o fim aparente de; sob a desculpa de: a pretexto de buscar seu carro, encontrou quem procurava. ETIM lat. *praetextus,us* 'ação de pôr diante; ação de encobrir, de disfarçar' fonte: <https://www.dicio.com.br/pretexto/>

<sup>169</sup> JUNQUEIRA, Camila. Ibid..

<sup>170</sup> FERREIRA NETO, Geraldinho. A ética da psicanálise e a direção da cura. In: HISGAIL. Fani (org.), *14 Conferências Sobre Jacques Lacan*. São Paulo: Escuta, 1989.

<sup>171</sup> JUNQUEIRA, Camila. Ibid.

e o registro do Real, Lacan passará para um segundo momento de sua concepção sobre a Ética da Psicanálise, pensando na “ética do gozo”, ou outra do Bem-dizer.

O que, conforme Valas, Lacan introduz de novo no conceito de gozo é que o sintoma não é mais visto apenas como uma mensagem, mas também como algo que comporta um gozo, no qual o sujeito se encontra fixado e que é aí que a eficácia do tratamento deve incidir. De acordo com o autor Valas<sup>172</sup>:

É por isso que a interpretação psicanalítica não pode iniciar sobre a significação, como um jogo de palavras gratuito, que alimentaria o sintoma, mas intervém no gozo opaco no qual ele se constitui [...] Efetivamente a ética da psicanálise, cujo sentido Lacan renova, não se reduz à tragédia do desejo que as palavras fundamentais veiculam; ela também considera o consumo de gozo específico de cada um [...]. O significante é causa do gozo. O gozo é proibido pelo significante para aquele que fala como tal, mas é falado que pode dizer-se nos interditos (os intervalos do significante) da fala e do discurso. Com efeito, a metonímia da cadeia de significante veicula desejo de gozo. O significante é causa final do gozo, na medida em que da finalidade da língua (ou da *alíngua*) está no gozar. Desde o gozar simples da fala à articulação do discurso, que é sempre meio de gozo.

Pois é exatamente neste argumento que entra a questão da lei, sobretudo porque para Lacan<sup>173</sup> lei, desejo e gozo têm uma íntima ligação. Outrossim, a lei é a proteção contra esse gozo extremo, o qual não podemos suportar; a lei interdita o gozo. Ela adquire seu valor para o sujeito na medida em que coloca uma distância entre *eles* e a Coisa, objeto de desejo. “Lacan afirma que não se conhece a Coisa senão pela lei. Ele adverte ainda que não há comparação entre a satisfação de um gozo e a satisfação por formas desviadas (pelos bens), ou sublimadas, de que a civilização tanto se utiliza.”<sup>174</sup>

Ao retomar a história do pai primevo de Freud para demonstrar como desejo, lei e gozo surgem de forma articulada e são inseparáveis, Lacan assinala que o assassinato do pai primevo, movido pelo desejo de ter a mãe, além de abrir a vida do gozo que esse era suposto interditar, mas também o interdita ainda mais, reafirmando

---

<sup>172</sup> VALAS, Patrick. *As dimensões do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 64.

<sup>173</sup> LACAN, Jaques. *Ibid.*, 2008, p. 350.

<sup>174</sup> JUNQUEIRA, Camila. *Ibid.*, p.135.

a lei por meio da culpa. “O gozo agora é o gozo da transgressão; passa a depender da lei para existir e se apoiar”<sup>175</sup>. Lacan comenta ainda, referindo-se ao texto de Freud, “*O mal-estar na civilização*” (1930), que o gozo é visto como um mal na medida em que comporta o mal do próximo; recuamos diante da agressividade do gozo e a lei nos protege, recuamos, pois, a preservação do outro tem grande importância para nós, na medida em que nos constituímos a partir de sua imagem. Ele escreve:

Recuamos diante de quê? Do atender à imagem do outro, pois é a imagem sobre a qual nos formamos como eu. Aqui está o poderio convincente do altruísmo. Aqui, igualmente, o poderio uniformizador de certa lei de igualdade, a que se formula na noção de vontade geral [...] este é o próprio fundamento da lei *amarás ao próximo como a ti mesmo*.<sup>176</sup>

Assim, procuraremos apresentar o conceito do gozo, que é apresentado de modo mais estruturado no *Seminário A Ética na Psicanálise*, sobre importantes modificações e ampliações até o fim da obra de Lacan. Valas<sup>177</sup> assinala que o gozo se expressa, muitas vezes, como dor e é traumático na medida em que não pode ser todo posto na rede simbólica, restando no real, fora do significado. Sendo assim, o gozo é, desse modo, estranho e íntimo, ao mesmo tempo, é “êxtimo”<sup>178</sup>. De outro lado, a renomada pesquisadora, Laznik-Penot<sup>179</sup>, cunha o termo gozo na obra de Lacan e observa que de 1938 até o final de sua obra, o autor se dá por atravessado no conceito do gozo. A partir de 1960, o gozo torna-se um conceito mais bem estabelecido e ocupa um lugar central do seu discurso. Uma das razões pelas quais o conceito de gozo é tão inacessível e tão obscuro deve-se ao fato de que não pode ser reduzido à simples satisfação de uma necessidade. O gozo é a satisfação de uma pulsão, considerando-a em sua dimensão histórica, ou seja, articulada com toda uma rede de significantes. Para a autora, desejo e gozo se articulam por meio do fantasma: “o desejo seria a

---

<sup>175</sup> JUNQUEIRA, Camila. *Ibid.*, p.135.

<sup>176</sup> LACAN, Jaques. *Ibid.*, 2008, p. 235.

<sup>177</sup> VALAS, Patrick. *Ibid.*, 2001.

<sup>178</sup> “Êxtimo é um neologismo criado por Lacan para indicar algo do sujeito que lhe é mais íntimo, mais singular, mas que está fora, no exterior. Trata-se de uma formulação paradoxal: aquilo que é mais interior, mais próximo, mais íntimo, está no exterior. SEGANFREDO Gabriela de Freitas Chediak, CHATELARD, Daniela Scheinkman Das Ding: o mais primitivo dos êxtimos”. *Cad. Psicanál.*- CPRJ, Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, p. 61-70, jan./jun. 2014, p.62.

<sup>179</sup> LAZNIK-PENOT, Marie-Christine. A construção do conceito de gozo em Lacan. *Percurso.*, IV (8), p.5-8, 1992. p.7.

retomada, no nível da vida fantasmática do sujeito, desse gozo que deve ser situado ao lado da pulsão.”<sup>180</sup>

Ao passo que Lacan definiu várias “modalidades” de gozo, analisa-se: o “gozo do Outro”, o corpo gozando em si mesmo, que é impossível ao sujeito porque está fora do simbólico e equivaleria à destruição do sujeito na medida em que suprimiria a falha estrutural - psicose.<sup>181</sup> Já outra modalidade de gozo, importante para a compreensão de uma ética de gozo é o “mais-gozar, ou o gozo do objeto”. A linguagem não pode dizer tudo, há sempre um resto que fica fora do processo de significância, esse é o mais-gozar. “O objeto *a* comemora a perda do gozo. Mas, como esse objeto representa um resto de gozo que escapou ao processo de significância, ele é designado por Lacan como mais-gozar”<sup>182</sup>. “A diferença importante para a questão da ética é que o mais-gozar, diferentemente do gozo do Outro, está submetido à castração”<sup>183</sup>. Desse modo, para que ele exista, a castração simbólica operou na separação entre sujeito e gozo. Sobretudo porque S2 vem se colocar na sequência de S1, portanto, no processo de significância que mais-gozar advém. Importante aqui é que o objeto *a*, o que resta, fica, desse modo, referido ao desejo como causa. Outro ponto importante, acerca da Ética na Psicanálise, é que:

A teoria dos discursos permite mostrar como o objeto *a*, que é o núcleo elaborável do gozo, entra em função e que papel tem na economia do sujeito [...], a psicanálise é um discurso de renúncia ao gozo do sintoma, que pode permitir ao sujeito encontrar um outro gozo, contíguo ao desejo.<sup>184</sup>

Entende-se que a Psicanálise pode ajudar o sujeito a sair do campo de gozo mortífero do Outro em direção do campo mais-gozar, onde o gozo é referenciado à castração. A Ética da Psicanálise funda-se no Real; sendo, para Lacan, aquilo que não se pode descrever no símbolo, o que resiste à nomeação. Podemos “escrever que o Real que funda a ética da psicanálise é a falta de um significante último e único, no código de A [Outro], que pudesse responder à questão do desejo”. Pois a psicanálise não é a ética de dizer o bem sobretudo porque o Real que funda a Ética

---

<sup>180</sup> LAZNIK-PENOT, Marie-Christine. Ibid., 1992. p.7.

<sup>181</sup> JUNQUEIRA, Camila. Ibid., p.136.

<sup>182</sup> VALAS, Patrick. Ibid., 2001, p. 69.

<sup>183</sup> JUNQUEIRA, Camila. Ibid., p.137.

<sup>184</sup> VALAS, Patrick. Ibid., 2001, p.77.

da Psicanálise é um não saber “estrutural”, instituído pelo significante acerca do que traria felicidade ao sujeito.<sup>185</sup>

A ética de psicanálise nada tem que ver com promessas de felicidade, com ideias de conformidade a uma visão de mundo, mas [...] é a ética do bem enunciar, ética da fala, ética do desejo. A direção ética de uma análise consiste em levar o sujeito à verdade de seu desejo – à sua verdade – a se defrontar com o caráter enigmático do desejo do outro que é desejo de desejo – o qual é suturado pela posição que o sujeito ocupa no fantasma: objeto para o desejo do Outro.<sup>186</sup>

Em se tratando da Ética na Psicanálise, ao final de seu *Seminário sobre Ética da Psicanálise*, Lacan vai imprimir em termos de um juízo sobre nossa ação: “se há uma ética da psicanálise – questão que se coloca -, é na medida em que, de alguma maneira, por menos que seja, a análise fornece algo que se coloca como medida de nossa ação – ou simplesmente pretende isso”<sup>187</sup>. E segue acrescentando que, se

a análise tem um sentido, o desejo nada mais é do que aquilo que suporta o tema inconsciente, a articulação própria do que faz com que nos enraizemos num destino particular, o qual exige com insistência que a dívida seja paga, e ele torna a voltar, retorna e nos traz sempre de volta para uma certa trilha do que é propriamente nosso afazer.<sup>188</sup>

Lacan acrescenta ainda que a revisão ética que a análise proporciona acontece em relação à ação e ao desejo que habita o sujeito, na qual o imperativo ético é “não ceder do desejo”, muito embora assinale que o destino do sujeito ocorre em “ceder de seu desejo”<sup>189</sup>. Para isso, é necessário conhecer a verdade do desejo; ainda que não se possa atingir a Coisa, é necessário bordejá-la. Outrossim, ele assinala que há uma espécie de traição, “ou o sujeito trai sua via, se trai a si mesmo,

---

<sup>185</sup> ALMEIDA, Mariza Pedrosa. Da ética da psicanálise: a dimensão da ética na interpretação. In: *A Ética da Psicanálise: Suas Incidências Clínicas*. II Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira/Sociedade Psicanalítica de São Paulo, 1989, p. 366.

<sup>186</sup> ALMEIDA, Mariza Pedrosa. Op. cit., 1989, p. 366.

<sup>187</sup> LACAN, Jaques. Ibid., 2008, p. 374.

<sup>188</sup> LACAN, Jaques. Op. cit., 2008, p. 374-5.

<sup>189</sup> LACAN, Jaques. Ibid., 2008, p. 374-5.

e é sensível para si mesmo”<sup>190</sup>. Ou, assinala o autor, o sujeito tolera que alguém o tenha traído na expectativa que este tinha acerca do pacto instaurado. Como menciona Lacan<sup>191</sup>,

algo se desenrola em torno da traição, quando se a tolera, quando impelido pela ideia do bem - quero dizer, do bem daquele que traiu nesse momento – se cede a ponto de diminuir suas próprias pretensões e dizer-se – Pois bem, já que é assim, renunciemos à nossa perspectiva, nem um nem outro, mas certamente não eu, não somos melhores, entremos na via costumeira.

Desse modo, pensar a Ética em Lacan implica pensar uma Ética do desejo e do gozo que não existe senão articulada com a lei. E,

Reconhecer a natureza do desejo está no âmago dessa experiência (a analítica), que uma revisão ética é possível, que um juízo ético é possível, o qual representa a questão com seu valor de juízo final – Agiste em conformidade com o desejo que te habita?<sup>192</sup>

Nos diz Lacan que o novo no campo da Ética é a atenção à barreira que existe em relação à Coisa e ao desejo, a inacessibilidade do objeto como objeto de gozo. Ou seja, é a partir da discussão acerca da inacessibilidade da Coisa que Lacan conclui que o “Bem Supremo”, tão almejado na Ética filosófica e pela sociedade em geral, não existe e que nenhum outro Bem pode equivaler à Coisa, que além de proibida é perdida. Pois: “Em Freud, no nível do princípio de prazer, é possível mostrar que não há um Bem Supremo – que o Bem Supremo, que é *das Ding*, que é a mãe, o objeto do incesto, é um bem proibido e que não há um outro bem”.<sup>193</sup> Assim, compensando essa inacessibilidade, o que existe é a sublimação, que não ocorre somente no nível individual, mas também é trazida pelos sistemas de conhecimentos, pelo próprio

---

<sup>190</sup> LACAN, Jaques. Op cit., 2008, p. 375.

<sup>191</sup> LACAN, Jaques. Op cit., 2008, p. 375.

<sup>192</sup> LACAN, Jaques. Op cit., 2008, p. 375.

<sup>193</sup> JUNQUEIRA, Camila. Ibid., p.138.

conhecimento analítico; bem como pelas outras ciências e pelas religiões, que estão “a serviço dos bens”, como ele denomina.<sup>194</sup>

Para Rinaldi<sup>195</sup>, a Ética lacaniana é tida como uma “Ética da castração”, uma vez que insiste em mostrar que o Bem Supremo não existe, mas adverte que também não se trata de uma Ética da resignação, pelo contrário, a partir do reconhecimento do desejo, deve-se levá-lo até o limite. Tem a Psicanálise o pretense interesse de levar o sujeito às fronteiras do seu próprio desejo de verdade, que é a verdade do desejo, e que, como toda vontade, tem estrutura de ficção. Para Bairrão<sup>196</sup>, “a tarefa da análise é fazer o sujeito descobrir os juízos que são o sentido de sua ação”. Uma importante contribuição de Lacan para o campo da Ética é, certamente, possibilitar outra definição, diferente daquela dada pela Filosofia. Para o autor, a Ética da Psicanálise não se encanta, portanto, não se detém no ser *imaginizado*, tão sonhado pela Filosofia, com isso, envereda por outro caminho, que estamos trilhando aqui. O autor ainda acrescenta<sup>197</sup>:

*Uma ética digna da psicanálise deve balizar-se pela fidelidade ao desejo*<sup>198</sup>. De certo modo, quando atrás se dizia que a psicanálise propõe uma medida intrínseca da ação, já era isso que, sem mencionar o desejo, então se visava. O sentido inerente à estrutura significativa ‘consustancial’ ao ato (e relativamente à qual se julga) nada mais é o dito desejo [...]. Logo, a ética dignamente psicanalítica apresenta a vantagem de não precisar inventar critérios de julgamento da ação, nem sequer de estabelecer critérios para decidir quais os critérios a serem avaliados. Poupa-se desse debate infundável, já que a princípio ninguém legisla, pois é dito do desejo que faz o sujeito (ser).

Assim, se a ética psicanalítica está em vantagem por não precisar inventar critérios de julgamento da ação, e nem sequer estabelecer critérios para decidir quais os critérios a serem avaliados, podemos assinalar que ela está intrínseca nas questões da formação do sujeito como Ser, pois o sujeito é desejo. E do desejo não pode ceder.

---

<sup>194</sup> JUNQUEIRA, Camila. Op cit., p.138.

<sup>195</sup> RINALDI, Doris. *A ética da diferença*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

<sup>196</sup> BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. *O impossível do sujeito; implicações do tratamento do inconsciente por Lacan*. Tese de Doutorado, Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1996.

<sup>197</sup> BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. *Ibid.*, 1996, p. 301-2.

<sup>198</sup> Grifo nosso.

Consideramos, então, para finalizar o escopo teórico da presente dissertação que o imperativo ético da Psicanálise como o de “não ceder do desejo”, proposto por Lacan, indica que a única coisa de que alguém pode ser culpado é *de ter cedido de seu desejo*. Quando isso ocorre, geralmente há um bom motivo ou uma boa intenção, pois, fazer uma coisa em nome de algo, pode ser o meio de nos proteger da culpa; mas o importante é que isso não nos livra da neurose e de suas possíveis consequências. Possivelmente as saídas que a análise propõe ao sujeito são duas, que não se excluem: uma é a via da sublimação, a outra é o sujeito se aproximar ao máximo “da verdade libertadora de desejo”. Embora não tenhamos como foco o escopo da prática clínica no presente trabalho, este possivelmente é um direcionamento futuro.

Assim, nos articula Lacan, três importantes proposições acerca da Ética, do desejo, do gozo<sup>199</sup>:

A única coisa da qual se pode ser culpado é de ter cedido de seu desejo. Em segundo lugar a definição do herói – é aquele que pode impunemente ser traído. Em terceiro lugar, isto não está absolutamente ao alcance de todo o mundo, e é a diferença entre o homem comum e o herói, mais misteriosa portanto do que se acredita. Para o homem comum a traição, que se produz quase sempre, tem como efeito o de repeti-lo de maneira decisiva para o serviço dos bens, mas com a condição de que ele não reencontrará jamais o que o orienta verdadeiramente nesse serviço. Enfim, o campo dos bens, naturalmente não existe, não se trata de negá-los, mas, revirando a perspectiva que aqui lhes proponho, quarta proposição – *Não há outro bem senão o que pode servir para pagar o preço ao acesso ao desejo -, na medida em que esse desejo, nós o definimos alhures como metonímia de nosso ser. O arroio onde se situa o desejo não é apenas a modulação da cadeia significante, mas o que corre por baixo, que é, propriamente falando, o que somos, e também o que não somos, nosso ser e nosso não-ser – o que no ato é significado passa de um significante ao outro da cadeia, sob todas as significações.*<sup>200</sup>

Portanto, ao final deste capítulo, implicamos que a Ética da Psicanálise, proposta por Lacan, refere-se ao campo de desejo e do gozo. Está, dessa forma, vinculada à falta constitutiva e à inacessibilidade da Coisa; para atingir a Coisa seria necessário abrir as *portas* do desejo, do gozo que não se pode suportar. Por outro

---

<sup>199</sup> LACAN, Jaques. *Ibid.*, 2008, p. 376.

<sup>200</sup> Grifo nosso.

lado, bordejar a Coisa, saber ao máximo sobre nosso desejo e sobre nossos meios, “mais livres” de nossa neurose. A outra via é a da sublimação. O que o sujeito conquista na análise não está no nível dos bens, nem no acesso à Coisa. É, na realidade, sua própria “lei” (regra), a verdade de seu desejo, o que rege seu princípio de prazer/desprazer. Isso ao mesmo tempo em que o sujeito se dá conta de que é castrado, ou seja, de que a falta constitutiva, portanto, por mais que se saiba acerca do desejo, não saberá nada além de suas marcas. A falta sempre existirá e nunca haverá respostas para o desejo. A Ética da Psicanálise ocorre, assim, em relação à ação e ao desejo que habita, em que o questionamento que insiste em permanecer é: *“agiste em conformidade com o desejo que te habita?”*.

## 2.2 Psicanálise e Filosofia: Foucault

Não há dúvida de que a obra de Michel Foucault assinala um ponto de intersecção entre Psicanálise e Filosofia. A partir disso, é possível examinar os efeitos das inovações trazidas pelo dispositivo psicanalítico na visão crítica de Foucault, que a partir de década de 1970 iniciou a pensar a Psicanálise como mais uma manifestação do poder disciplinar [Microfísica do Poder], “mais um dos dispositivos confessionais típicos da rede capilar dos poderes da modernidade, cuja eficácia consiste em fazer passar todos os detalhes da vida na forma de discurso”. Estaria a Psicanálise, inscrita entre as modernas práticas dos “cuidados de si”, que já são muitas, sobretudo porque a Psicanálise estaria a incitar uma “*disciplinação* dos corpos e dos afetos, adaptada ao modo de operação dos poderes disciplinares.”<sup>201</sup>

A crítica de Foucault tem destinatários específicos na Psicanálise, não se trata de endereçar a todos o seu posicionamento. “Em primeiro lugar sua crítica é direcionada aos pós-freudianos que investiram todos os seus esforços na construção de uma teoria que retoma o centro do sujeito como o próprio Eu”. Diferentemente da crítica à psicologia do Eu, e da crítica a Freud em “relação à teoria do complexo de Édipo como fundador de uma subjetividade”. Com Lacan, Foucault posiciona-se de maneira favorável e o coloca num lugar especial, pois “está implicado no discurso de sua prática.”<sup>202</sup> Diz ele:

Penso que o hermetismo de Lacan é devido ao fato de ele querer que a leitura de seus textos não fosse simplesmente uma “tomada de consciência” de suas ideias. Ele queria que o leitor se descobrisse, ele próprio, como sujeito de desejo, através dessa leitura. Lacan queria que a obscuridade de seus Escritos fosse a própria complexidade do sujeito, e que o trabalho necessário para compreendê-lo fosse um trabalho a ser realizado sobre si mesmo. Quanto ao ‘terrorismo’, observarei apenas uma coisa: Lacan não exercia nenhum poder institucional. Os que o escutavam queriam exatamente escutá-lo. Ele não aterrorizava senão aqueles que tinham medo. A influência que exercemos não pode nunca ser um poder que impomos.<sup>203</sup>

---

<sup>201</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p.133.

<sup>202</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. FOUCAULT E LACAN: o sujeito, o saber e a verdade In: *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, v. 2, n. 29, p. 531-544, jul./dez. 2009, p.532-3.

<sup>203</sup> FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 330-1.

É apreciável que, ao propor a citação acima, Foucault assinale sobre a obra de Lacan um estilo próprio característico e reconhecido como barroco. Lacan assegura, em seu texto elaborado como *Abertura*, na primeira publicação da coleção Escritos no ano de 1966:<sup>204</sup> “Queremos, com o percurso de que estes textos são os marcos e com o estilo que esse endereçamento impõe, levar o leitor a uma consequência em que ele precise colocar algo de si.”<sup>205</sup>

Foucault se posicionará junto a Lacan, ambos estavam implicados numa mesma pesquisa empreendida a partir da leitura das obras de Lévi-Strauss que inspirou ambos de forma contundente. Essa pesquisa aparece na obra de Lacan como aurora do seu ensino; em Foucault, como um crepúsculo de sua obra. O ponto de articulação entre Foucault e Lacan seria uma pesquisa sobre a relação do sujeito com o saber e a verdade.<sup>206</sup> Foucault historiciza que parte de seu objetivo “[...] foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos.”<sup>207</sup>

“De fato, conjectura-se que nas sociedades em que se popularizou, a psicanálise foi se deslocando de sua função original, de fazer falar uma subjetividade até então silenciada, para uma função normatizadora da subjetividade moderna”, embora saibamos há muito tempo que um fundamento da Psicanálise freudiana é a análise da subversão do sujeito e o seu descentramento. Certamente, alguns mal-entendidos na prática clínica podem fazer de um tratamento psicanalítico uma forma sofisticada e eficaz de pedagogia. Além disso, a pressa de muitos psicanalistas em responder publicamente às demandas da sociedade – a versão “Freud explica”, com a qual a Psicanálise é convocada a intervir nos conflitos sociais – é responsável por fazer da psicanálise uma ideologia apaziguadora da consciência moderna. Uma ideologia ainda mais eficiente por contemplar os meandros aparentemente insondáveis do inconsciente.<sup>208</sup>

---

<sup>204</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Ibid.*, 2009, p. 533.

<sup>205</sup> LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.11.

<sup>206</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Op. cit.*, 2009, p. 533.

<sup>207</sup> FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

<sup>208</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p.133-4.

Para Lacan, o sujeito é colocado diante da questão ética, sempre a partir da pergunta: “Agiste conforme o desejo que te habita?”<sup>209</sup> Pergunta que, inevitavelmente, coloca-se para qualquer sujeito a partir do momento em que o discurso sobre o inconsciente se fez presente na cultura em função da Psicanálise inventada por Freud. Observa-se que nenhum sujeito hoje em dia pode fugir a essa questão, e Lacan, sustenta dizendo:

[...] ao longo desse período histórico, o desejo do homem, longamente apalpado, anestesiado, adormecido pelos moralistas, domesticado por educadores, traído pelas academias, muito simplesmente refugiou-se, recalçou-se na paixão mais sutil, e também a mais cega, como nos mostra a história de Édipo, a paixão do saber.<sup>210</sup>

É interessante assinalar que o ponto de intersecção entre Lacan e Foucault, ou por assim dizer, da Psicanálise com a Filosofia de Foucault ancora-se na pauta para “uma pesquisa sobre a relação do sujeito com o saber e a verdade”<sup>211</sup>. Consoante a isso, Foucault assinala “[...] nós descobríamos que a filosofia e as ciências humanas viviam sobre uma concepção muito tradicional do sujeito humano, e não bastava dizer, ora com uns, que o sujeito era radicalmente livre e, ora com outros, que ele era determinado por condições sociais.” A descoberta realizada implicou proporcionar liberdade ao “eu”, descortinando o que fica escondido sob o eu. “O sujeito: uma coisa complexa, frágil, de que é tão difícil falar, e sem a qual não podemos falar.”<sup>212</sup>

Foucault, no curso de 1982 no *Collège de France*, intitulado *A Hermenêutica do Sujeito*<sup>213</sup>, parece, ao que percebemos, ter se aproximado da maneira como Lacan conduziu seus seminários, de forma complexa, possibilitava a reflexão, formulação de questões e críticas, por abordar de forma longa a exposição de um tema que, num segundo momento, era aberto a comentários e debates com os alunos e também por apresentar a mesma natureza do tema proposto.

---

<sup>209</sup> LACAN, Jaques. *Ibid.*, 2008, p. 378.

<sup>210</sup> LACAN, Jaques. *Op cit.*, 2008, p. 379.

<sup>211</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Ibid.*, 2009, p. 533.

<sup>212</sup> FOUCAULT, Michel. Lacan, o “Liberatore” da psicanálise. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 329-330. /FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

<sup>213</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Op. cit.*, 2009, p. 534.

Camargo e Aguiar<sup>214</sup> consoantes e simétricos a Foucault, assinalam a respeito do cuidar de si mesmo, do conhecer-te a ti mesmo, como uma proposição marcada pela ideia de sujeito e verdade, e que:

Trata-se neste curso/seminário, de remeter à história o problema 'sujeito e verdade' a partir de uma noção grega de *epimeléia heautoû*, traduzida pelos latinos em *cura sí*. *Epimeléia heautoû* refere-se ao cuidado de si mesmo, ou seja, ao ocupar-se consigo mesmo. Por trás desta noção há um determinado sujeito, o sujeito do conhecimento. Por um lado, o conhecimento do sujeito e por outro o conhecimento do sujeito por ele mesmo, que originariamente foi colocado pela fórmula socrática do "conhece-te a ti mesmo", a famosa prescrição délfica *gnôthi seautón*. Para Foucault, essa é a fórmula original sobre a questão e relação entre sujeito e verdade. Esse termo está subordinado em relação à expressão 'cuida de ti mesmo' (*epimeléia heautoû*), como uma de suas formas, uma de suas aplicações. Para Foucault, a *epimeléia heautoû* constituirá um princípio fundamental para caracterizar a cultura grega, helenística e romana.

Foucault, por sua vez, segue argumentando a respeito do *conhece-te a ti mesmo* e do *si mesmo*<sup>215</sup>, diz que em se tratando da primeira, os princípios morais da sociedade ocidental sofreram profunda transformação. Na eminente experimentação da dificuldade em fundamentar uma moral rigorosa bem como princípios austeros num preceito dito ao que devemos nos preocupar: "com nós mesmos mais do que qualquer outra coisa". Daí, compreende-se o cuidado de si como algo imoral, podendo inclusive "escapar de todas as regras possíveis". Somos herdeiros de uma moral cristã, que abdica de si, renúncia a si como fator da condição da salvação. Ao passo que, num paradoxo inesgotável, o conhecer-se a si mesmo também é um meio de renunciar a si mesmo. Somos herdeiros da tradição secular que vislumbra na lei externa o fundamento da moral. Desse modo, a pergunta que recai é "como o respeito que se tem consigo mesmo pode constituir a base da moral? Herdamos uma moral social que organiza e sistematiza por meio de regras o comportamento aceitável sobre as relações com os outros. Desde o século XVI, a moral posta faz o objeto de uma crítica, "é em nome da importância do reconhecimento e do conhecimento de si". Dificilmente podemos imaginar uma moral compatível com o cuidado de si. "Conhece-te a ti mesmo" eclipsou 'cuida de ti mesmo', porque nossa moral, uma moral do ascetismo,

---

<sup>214</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. Ibid. 2009, p. 535.

<sup>215</sup> Grifo da autora.

não deixou de dizer que o si era a instância que se podia rejeitar. [...]. “No mundo moderno, o conhecimento de si constitui o princípio fundamental”.<sup>216</sup>

Consoante a isso, há que se considerar, seguindo o próprio Foucault, que é no encontro com os dispositivos capilares do poder que o sujeito tem a oportunidade de inscrever no campo do Outro sua diferença, na forma de algum registro discursivo que lhe seja próprio. “É nos encontros com (ou contra) o poder que o sujeito moderno, o homem comum da sociedade de massa, desgarrado dos modos de pertinência comunitária que lhe conferiam um reconhecimento e um lugar entre seus semelhantes, adquire existência pública e passa a se perceber como autor de sua história de vida.”<sup>217</sup>

Para Camargo e Aguiar, a “verdade do sujeito da psicanálise é negativa (não tem uso) para o conhecimento e impossível de se inscrever no discurso dos *universais*”. Na obra *A Vontade de Saber*, observa-se a crítica de Foucault endereçada à Psicanálise, mais precisamente a Freud, pois ele refunda a verdade do sujeito como *coisa sexual*, “mantendo desta forma a relação entre poder e verdade por meio de um dispositivo de aliança que inclui a lei do desejo, o complexo de Édipo, o matrimônio, a relação entre pais e filhos”; e, [...] “também por um dispositivo de sexualidade como sensações do corpo, economia sexual, e uso dos prazeres”<sup>218</sup>. Para Foucault, trata-se de uma produção de sexualidade como discurso, como produção de uma relação entre saber e poder. Pois, “o poder do qual se quer apoderar é o próprio discurso sobre a sexualidade como dispositivo de produção de subjetividade.”<sup>219</sup>

Freud, como já mencionado no primeiro capítulo desta dissertação, foi um defensor da Lei do Pai, “como instância de instauração da subjetividade que acontece pelo laço social de seus irmãos pela cumplicidade no assassinato do próprio pai”. A publicação, em 1939, de um de seus últimos trabalhos – *Moisés e o monoteísmo* – assegura que “o Édipo é um retorno do recalçado do assassinato do *Totem e Tabu*, como a passagem da aliança estabelecida entre os membros de uma família, por meio

---

<sup>216</sup> FOUCAULT, Michel. (1926-1984). Ditos e Escritos, volume IX: *Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*; organização Manoel Barros da Motta; Tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 270.

<sup>217</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p.134.

<sup>218</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Ibid.*, 2009, p. 535-6.

<sup>219</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Op. cit.*, 2009, p. 535-6.

da estrutura do mito, ou seja, do universal para o particular ou do público para o privado, como queiram.”<sup>220</sup>

Foucault e Freud questionam o modo como ocorreu a constituição do sujeito na história. Ambos fazem o questionamento sobre a origem histórica da produção dos sujeitos, da constituição do que ele elabora como Édipo, como sujeito da lei do incesto. “Pode-se afirmar que se trata de uma aproximação ambivalente entre Freud e Foucault, na medida em que a crítica de Foucault se endereça justamente a este ponto em que Freud tenta salvar um dispositivo de aliança baseado na lei do pai”. Para os autores, Camargo e Aguiar, Freud justificava “um saber fundamental da sua prática, uma bússola de orientação, em que o mito advém no lugar disso que mais tarde se denominaria, com Lévi-Strauss, as estruturas elementares do parentesco”. Desse modo, o mito do Édipo, na interpretação Freudiana apresenta a própria estrutura do inconsciente do retorno do recalcado, o pilar da Psicanálise – a própria noção de inconsciente. Desse modo, “Freud tenta realizar a interpretação com o mito do *Totem e Tabu*, com o mito do Édipo e com a teoria sobre a origem do judaísmo é a própria noção do inconsciente.”<sup>221</sup>

A partir desse ponto pode-se introduzir o papel da releitura da psicanálise que Lacan empreendeu nos anos 50 sob o viés estruturalista, e demonstrar um paradoxo da crítica de Foucault. Em *As Palavras e as Coisas*, Foucault realiza uma arqueologia das Ciências Humanas em que a Psicanálise ocupa um lugar privilegiado. Enquanto outras ciências humanas realizaram sua fundação num saber que, segundo um velho projeto positivista, visa a ser verdadeiramente científico, a Psicanálise se manterá mais próxima de uma função crítica e do que se denominará uma *contraciência*.<sup>222</sup>

A Psicanálise apresenta-se em um certo privilégio, e Foucault assinala que esse privilégio “está relacionado ao fato de que enquanto as outras ciências vão ao encontro da representação, a psicanálise avança justamente para transpor o espaço do representável, em direção à função da linguagem e da significação no interior das práticas discursivas”. Sobretudo porque a ideia de inconsciente como lugar

---

<sup>220</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Ibid.*, 2009, p. 536-7.

<sup>221</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Op.cit.*, 2009, p. 537.

<sup>222</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Op.cit.*, 2009, p. 537.

inacessível a todo conhecimento científico, a toda apreensão contínua em termos de significação, coloca a Psicanálise neste lugar de uma *contraciência*.<sup>223</sup>

Pelos mais distintos protagonismos que a Psicanálise proporciona ao sujeito, por meio do encontro e da transgressão possível, entende-se que como uma face invisível do Outro em todos nós, o poder, é condição de alienação e somente se mostra no “percurso de uma vida nos momentos em que um sujeito se depara com sua diferença, com aquilo que o torna irreduzível à norma”<sup>224</sup>.

Em Foucault temos a premissa de que o sujeito como autor, pode funcionar como especialista, pois articula seu personagem, e se autor do romance de sua vida, articula “sua experiência do mundo com sua vida íntima, de modo a dotar de algum sentido a mesquinhez de seu cotidiano.”<sup>225</sup>

Seguramente compreendemos que a ‘função autoral’ do sujeito hora consiste em tentar projetar para além da vida privada algo que o represente, hora consiste na forma de uma ‘transgressão ao próprio código da língua’. A psicanálise, como instrumento de travessia, toma parte na empresa de criação desse sujeito como autor de si mesmo que é, antes de mais nada, o autor de sua própria fala, protagonista de si mesmo.<sup>226</sup>

No que concerne ao inconsciente, Foucault assinala a percepção do seu lugar na Psicanálise, apesar de Freud ter tentado tocar o inconsciente e Lacan tenha denominado como estrutura própria do inconsciente. “O inconsciente é o lugar inacessível a todo conhecimento teórico do homem”<sup>227</sup>. E nesse sentido, a Psicanálise para Foucault:

[...] avança para transpor a representação, extravasá-la do lado da finitude e fazer assim surgir, lá onde se esperavam as funções portadoras de suas normas, os conflitos carregados de regras e as significações formando sistema, o fato nu de que pode haver sistema (portanto, significação), regra (portanto, oposição), norma (portanto, função).<sup>228</sup>

---

<sup>223</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Ibid.*, 2009, p. 537.

<sup>224</sup> KEHL, Maria Rita. *Ibid.*, 2002, p.135.

<sup>225</sup> KEHL, Maria Rita. *Op cit.*, 2002, p.135.

<sup>226</sup> KEHL, Maria Rita. *Op cit.*, 2002, p.135.

<sup>227</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Op. cit.*, 2009, p. 537.

<sup>228</sup> FOUCAULT, Michel. *Ibid.*, 2007, p. 518-9.

Apesar de dimensionar a Psicanálise de forma interessante, Foucault a crítica e nos

[...] resta perguntar por que este lugar da lei da estrutura, como lei do pai, mito do Édipo ou lei do desejo ganha uma conotação negativa em *A Vontade de Saber*, se justamente é nos limites dessa lei, no seu atravessamento – ou, como prefere Foucault, no seu extravasamento – que se dá o limite do conhecimento e de uma subjetivação universal. Trata-se para a psicanálise de levar os analisandos em direção a esta impossibilidade do conhecimento de abordar algo que escapa aos limites da representação, do saber e do poder, ou seja, do mito.<sup>229</sup>

Foucault assinala que a Psicanálise encontra na esquizofrenia, na loucura esta impossibilidade de conhecimento científico, no seu íntimo e invencível tormento: na loucura manifesta e retraída, “as formas de finitude”, interminável e indefinido, voluntário e involuntário oferecido pela linguagem do paciente<sup>230</sup>. A loucura estaria não inserida na ordem universal, por sua singularidade do sentido tanto para o indivíduo quanto do delírio, pela impossibilidade do laço social e pela construção de sentido particular, não servindo de um sujeito para outro sujeito. Já o sintoma, advém do pai, é tido como uma solução normativa e universal. É um código representado de forma universal. Disso, Foucault ainda assinala sobre as contradições: “o que há de mais humano no homem.”<sup>231</sup>

E o filósofo segue, sustentando com premência que a Psicanálise psicologiza o real, obrigando “o sujeito a reconhecer em seus conflitos a lei sem regra de seu coração, para evitar neles as contradições na ordem do mundo”<sup>232</sup>. O íntimo da Psicanálise é algo que do sujeito se descola da própria subjetividade como produto de saber, algo que a significação e a representação não conseguem capturar como sentido, como sujeito do conhecimento.

---

<sup>229</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Ibid.*, 2009, p. 538.

<sup>230</sup> FOUCAULT, Michel. *Ibid.*, 2007, p.520.

<sup>231</sup> FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*, v. I-IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999-2014, p.137-151.

<sup>232</sup> FOUCAULT, Michel. *Maladie mentale et personnalité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1954, p. 109.

Alguns autores, entre eles Castro<sup>233</sup>, que aponta que a Psicanálise é o oposto do racismo, e que a Psicanálise “busca reinscrever a sexualidade nos mecanismos do antigo direito soberano, porém estabelecendo a consanguinidade proibida como lei da sexualidade”. Camargo e Aguiar<sup>234</sup> sinalizam que, em *A Vontade de Saber*, Foucault argumenta sobre sua crítica à Psicanálise a partir da forma de transmissão e de ensino proferidas por Lacan por meio de seminários. Lacan, como se sabe, avança na Psicanálise em relação ao problema do mito, da lei do desejo e do sujeito. Édipo e o pai passam a assumir um outro lugar, não mais fundadores da subjetividade sob norma, mas fundadores de uma determinada subjetividade tempo-histórica, no caso, a de Freud. Em Lacan, o mito do Édipo está como um outro nome do delírio e adquire a função de suplência a um impossível de saber, que exprime uma inacessibilidade por meio do conhecimento de si.<sup>235</sup>

Lacan e Foucault eram recíprocos, suas obras não tiveram maior ponto de intersecção porque ambos morreram antes que isso ocorresse, de todo modo, por meio de seus alunos é possível realizar essa interface. Assim,

Há inúmeras referências nos seminários publicados de Lacan sobre as obras publicadas de Foucault. Por exemplo, na aula de 26 de fevereiro de 1969, do último seminário publicado na França sob o título *D'un Autre à l'autre*, Lacan faz menção a uma aula de Foucault proferida na Sociedade Francesa de Filosofia, em 22 de fevereiro de 1969, na qual este último tece um comentário sobre o movimento de retorno que Lacan empreendeu aos textos freudianos.<sup>236</sup>

Foucault reconhece o esforço de Lacan em elaborar a relação entre sujeito, saber e verdade que acontece pela própria subversão do sujeito do conhecimento. Se há um saber sobre o sujeito na Psicanálise, esse saber não é para todos, é caso a caso, singular a cada um. Trata-se aqui do próprio *retorno a*, ao que do sujeito é

---

<sup>233</sup> CASTRO, Edgardo. *Introdução a Foucault*. Tradução Beatriz de Almeida Magalhães, Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p.105.

<sup>234</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Ibid.*, 2009, p.538.

<sup>235</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Op. cit.*, 2009, p. 539.

<sup>236</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Op. cit.*, 2009, p. 539.

singular e irreduzível ao conhecimento, o qual Lacan elaborou, nos anos de 1965 e 1966, como sendo o objeto da psicanálise, o objeto *a*.<sup>237</sup>

Por 'retorno a', o que se pode entender? Acredito que se pode designar dessa maneira um movimento que tem sua própria especificidade e que caracteriza justamente as instaurações de discursividades. Para que haja retorno de fato, é preciso inicialmente que tenha havido esquecimento, não esquecimento acidental, não encobrimento por alguma incompreensão, mas esquecimento essencial e constitutivo.<sup>238</sup>

Com efeito, na Psicanálise, na sua orientação, há um impossível do sujeito de ser reduzido a qualquer conhecimento. A partir dessa relação do sujeito com a impossibilidade de formular um conhecimento de si, ao fim de seu ensino, Lacan elaborará operadores como *gozo*, *real* e *fallasser*.<sup>239</sup> Foucault corrobora questionamentos acerca da psicanálise, e se ela como um campo conceitual dilacera sobre a esta problemática do sujeito, à relação do sujeito consigo mesmo à relação do sujeito com a verdade.<sup>240</sup> A psicanálise ofereceria respostas ao sujeito, ou ainda ofereceria possibilidades de o sujeito encontrar as respostas da sua verdade pelo processo psicanalítico da análise. Antes de tudo, a psicanálise está para o sujeito desejante, que busca a si e sua verdade.

A intervenção da análise irá do sentido ao sem sentido, do universal do conhecimento ao singular, é isso que Foucault estabelece de forma precisa em *As Palavras e as Coisas*<sup>241</sup>, sobretudo porque a Psicanálise aparece na contramão das outras Ciências Humanas. Enquanto estas visam a uma objetividade e formulação dos universais, da lógica do *para todos*, estabelecida pela ideia de um sujeito do conhecimento; a Psicanálise, por outro lado, funda-se a partir do singular de cada um, pela ideia de inconsciente como o que vem recobrir um saber impossível sobre o sexual.<sup>242</sup>

---

<sup>237</sup> FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 232.

<sup>238</sup> FOUCAULT, Michel. Op.cit., 2001, p. 232.

<sup>239</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. Ibid. 2009.

<sup>240</sup> FOUCAULT, Michel. Op. cit., 2001, p. 232.

<sup>241</sup> FOUCAULT, Michel. Ibid., 2007.

<sup>242</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. Ibid., 2009.

Portanto, vislumbra-se que não há um significante possível de representar o sujeito, visto que o significante funda-se na relação metonímica da bateria de significantes. Nessa relação, observa-se, o desejo “é sempre desejo do desejo do outro”. O que está por trás da lógica do desejo é justamente que o sujeito do conhecimento nada quer saber: que a relação sexual, algo que garanta a norma do desejo e do sexo, não existe. Sobretudo porque, nesse aspecto, é que a lei do pai não funciona, pois, se funcionasse, não haveria sintomas, justamente pelo fato de que o sintoma é a tentativa de reparar um dano que a lei do pai não consegue obturar.<sup>243</sup>

Kehl<sup>244</sup> apresenta um forte argumento acerca do sujeito do desejo, diz ela que:

No lugar da falta a ser do sujeito moderno, a psicanálise propõe somente, como traço mínimo para designar o sujeito perante o Outro, o reconhecimento da filiação. Nem mesmo nas sociedades individualistas é possível que o homem se pense como autor de sua existência, à custa de perder a base de sustentação subjetiva. Reconhecer a filiação significa, por um lado, reconhecer a dívida simbólica: o sujeito deve sua entrada no mundo a pai e mãe, que desejaram seu nascimento ou, no mínimo, o reconheceram e lhe deram seu sobrenome, somado a um nome próprio que é, também este, carregado de sentido. O sujeito já entra no mundo como portador de um sentido que ele próprio desconhece, e é esse sentido, inconsciente, que lhe fornece um traço de identidade do lado do ser.

Foucault assinala que “Lacan foi o único depois de Freud a querer decentralizar a questão da psicanálise precisamente nesta questão das relações entre sujeito e verdade.” E uma questão que é espiritual, em termos do saber analítico, ele tentou colocar como: “questão do preço que o sujeito tem a pagar para dizer o verdadeiro e a questão do efeito que tem sobre o sujeito o fato de que ele disse, de que pode dizer e disse, a verdade sobre si próprio”.<sup>245</sup>

Em Lacan, entende-se que o sujeito paga um preço específico ao tentar introjetar a verdade no saber, por isso, a relação entre saber e verdade não é algo natural. Foucault sublinha o movimento das ciências em geral: afastar a subjetividade; em última instância, o próprio sujeito, reduzindo assim toda a verdade ao universal do

---

<sup>243</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. Op. cit., 2009.

<sup>244</sup> KEHL, Maria Rita. Ibid., 2002, p.105.

<sup>245</sup> FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 40

conhecimento. O preço que o sujeito paga para fazer existir a verdade no saber como conhecimento é o seu próprio apagamento, o desconhecimento sobre si, que parece consistir, por excelência, a sua *própria* verdade.<sup>246</sup>

Foucault assegura ainda sobre o *poder*:

Afinal não será um dos traços fundamentais da nossa sociedade o fato de o destino tomar aqui a forma de relação com o poder, com ou contra ele? O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra a sua energia, encontra-se efetivamente onde elas se confrontam com o poder, batem-se contra ele, tentam utilizar-lhe as forças ou escapar-lhe às armadilhas. Nas palavras breves e estridentes que vão e vêm entre o poder e as existências mais inessenciais, é sem dúvida aí que estas últimas encontram o único momento que alguma vez lhes foi concedido [...].<sup>247</sup>

Foucault é incisivo ao escrever sobre as Ciências Humanas, afirma ele que “desvelando o inconsciente como seu objeto mais fundamental” foi possível descortinar que há sempre o que pensar ainda no que já era pensado no nível manifesto, e a lei do tempo estaria a serviço de impor o limite externo às Ciências Humanas. “A História mostra que tudo o que é pensado o será ainda por um pensamento que ainda não veio à luz”. Por sua vez, no século XIX, compreende-se a finitude do ser humano, senão pela ideia de “uma finitude sem infinito”. A respeito disso, Foucault aproxima-se da Psicanálise e ela dele, pois, segundo o filósofo: “[...] uma finitude que jamais tem fim, que está sempre em recuo em relação a si mesma, à qual resta ainda alguma coisa para pensar no instante mesmo em que ela pensa, à qual resta sempre tempo para pensar de novo o que ela pensou.”<sup>248</sup>

Assim, é possível sinalizar para a abertura de tantas outras possibilidades, pois

O novo cuidado de si implica uma nova experiência de si. Pode-se ver que forma assume essa nova experiência de si nos séculos I e II, quando a introspecção se torna cada vez mais rebuscada. Uma relação se fixa entre a escrita e a vigilância. Presta-se atenção às nuances da vida, aos estados de

---

<sup>246</sup> CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. *Ibid.*, 2009.

<sup>247</sup> FOUCAULT, Michel. (1977). *Vidas de homens infames*. In: *O que é um autor?* Trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro, Lisboa: Passagens, 1992.

<sup>248</sup> FOUCAULT, Michel. *Ibid.*, 2007, p. 515.

alma e à leitura, e o ato de escrever intensifica e aprofunda a experiência de si. Todo campo de experiências, que não existia antes, se abre.<sup>249</sup>

Desse modo, repensando os diferentes campos que se abrem a partir da intersecção entre psicanálise e filosofia, temos a possibilidade de abertura por entendermos que como Foucault assinala, “todo campo de experiências, que não existia antes, se abre”<sup>250</sup>, mas também se abre o campo de experiências que já existia e era conhecido e também o campo do desconhecido de todos nós que, conjecturamos, nunca será totalmente simbolizado. E é justamente na tentativa de simbolização que o sujeito se estabelece, para marcar o seu tempo, para marcar o seu devir - seja pela escrita, seja pela análise, seja pela arte, ou por quaisquer formas de subjetivação.

---

<sup>249</sup> FOUCAULT, Michel. (1926-1984). Ditos e Escritos, volume IX: *Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*; organização Manoel Barros da Motta; Tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 275.

<sup>250</sup> FOUCAULT, Michel. Op. cit., 2014, p. 275.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Apenas a aceitação crítica de uma herança permite pensar com independência e inventar um pensamento para o porvir, um pensamento para tempos melhores, um pensamento da insubmissão, necessariamente infiel.*<sup>251</sup>

Parece-nos claro, como um nascer do sol, que a Ética e a consciência moral, apresenta-se na Psicanálise a partir de enfoques plurais. As questões da consciência moral estão presentes na clínica muito antes de Freud estudar a psicogênese da consciência moral, e isso é perceptível pelo estudo da etiologia das neuroses e da moralidade, por exemplo. Embasados na literatura atual psicanalítica, é possível afirmar que os sentimentos éticos, bem como a consciência moral não são uma disposição inata do homem, sobretudo porque se constroem a partir do desenvolvimento de um aparelho psíquico, de uma necessidade de convivência em comunidade a fim de controlar as forças da natureza e da agressividade humana. Apesar de existirem particularidades teóricas, sobre a questão da Ética e da consciência moral, tanto em Freud quanto em Lacan, ambos os autores se corroboram e articulam em particularidades sobre a concepção dos processos e dos objetivos clínicos.

Para Freud, o fundador da Psicanálise, essa é certamente uma disposição inata, muito embora outros autores da própria Psicanálise considerem de forma diferente. Consideramos que a diversidade de modelos metapsicológicos, estudados *na e por meio da* Psicanálise, produziu diferenças na abordagem teórica da questão da Ética e da consciência moral, e que, por sua vez, essas diferenças são perceptíveis nos objetivos clínicos. Enquanto para Freud a reflexão sobre a Ética e a consciência moral implica um trabalho clínico por meio do superego, percebe-se que as reflexões de Lacan sobre esse tema implicam um afastamento da questão moral da clínica, pois o autor não objetiva articular sobre a moralidade. Freud, sabe-se, acrescentava os conflitos éticos aos conflitos psíquicos. Para o psicanalista, a neurose e a civilização têm a mesma origem, e os comportamentos éticos e morais apresentam-se como uma

---

<sup>251</sup> ROUDINESCO, Elisabeth, *Ibid.*, 2007, p. 9-10.

necessidade da ordem da sobrevivência – uma necessidade de convivência em comunidade para controle das forças da natureza e da agressividade humana. Consoante a este apontamento, podemos citar inúmeros textos em sua obra que apresentam esse argumento, entre eles *Totem e Tabu*, *Mal-estar da Civilização*, *Moisés e o Monoteísmo*, entre outros.

Compreendemos que em Freud aparece uma motivação clínica, partindo da ideia de que os conflitos éticos e morais estão na base da neurose, construindo a partir disso a teoria sobre a psicogênese da consciência moral e dos sentimentos éticos. Ele realiza essa sistemática de pensamento, pela análise da sociedade e dos grupos, ou seja, pontua do funcionamento psíquico do indivíduo, sobrepondo a ontogênese e mostrando como o aspecto central da Psicologia Social é o mesmo da psicologia individual. Freud situa no mito a relação do homem com o pai, ou com o complexo de Édipo. Sobre o desenvolvimento da moralidade, Freud<sup>252</sup> vai assinalar que ocorre no desenvolvimento da moralidade na espécie humana, através do mito do pai primevo, relacionando filogênese e ontogênese. A partir do mito, sustenta a ideia de que a neurose e a civilização apresentam a mesma origem, e esta origem é a renúncia pulsional. O que se observa na clínica, por exemplo, são que os conflitos éticos, trazidos pela pauta do paciente, são, na verdade, conflitos pulsionais e devem ser tratados em análise.

A Ética para Freud parece ser definida como uma limitação da pulsão em prol da convivência social. Por trás de toda proibição moral há um desejo, contudo, a proibição não pode extinguir o desejo, pode somente exigir sua renúncia; dessa forma, o sistema de valores encontra-se na origem das patologias psíquicas, que são resultado de alguma dessas renúncias. Para Freud, a natureza humana é agressiva, o que põe em risco a sobrevivência tanto do indivíduo quanto da comunidade. Podemos controlar nossa agressividade por meio da formação do superego, do recalque e da sublimação.

Conjecturamos que a principal consequência clínica da reflexão de Freud, sobre a psicogênese da Ética e da consciência moral, é a elaboração e o desenvolvimento do superego como uma forma de o indivíduo lidar com a

---

<sup>252</sup> FREUD, Sigmund. (1912-13). *Totem e tabu*. In: FREUD, Sigmund. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1990. vol. XIII.

agressividade, bem como um produto de conflito entre as pulsões e a realidade, servindo para o ego como baliza no trato com ambas. Freud estabeleceu, assim, uma dupla função: ao mesmo tempo em que ele é um modelo sob o qual residem as diretrizes que indicam para a renúncia pulsional, é também o censor, aquele que impõe a limitação à pulsão. E articulou ambas as funções ao sofrimento e às patologias psíquicas.

Entretanto, alcançamos em outros autores uma espécie de aprimoramento e ampliação em muitos aspectos, mas que, de certo modo, excluem a questão da moral. É o que ocorre com Lacan, que considera a existência de algo que pode ser denominado de “consciência moral”; mas, apesar disso, percebe-se que ele a exclui completamente do campo de teorização da Psicanálise. No entanto, do campo da clínica psicanalítica, Lacan não pôde excluí-la, uma vez que no discurso do paciente em análise aparece com certa frequência, diríamos até que quase sempre.

Analisa-se que na clínica psicanalítica, proposta por Lacan, a consciência moral fica relegada ao plano dos engodos, dos bens – todos falsos – que o sujeito pensa que poderiam resolver o problema em relação a seu desejo, e poderiam harmonizá-lo com a sociedade. A consciência moral fica então relacionada ao ideal do eu que se desenvolve no plano *Imaginário*, e tem sua importância ligada à constituição do laço social. Contudo, a Ética da Psicanálise, para Lacan, não faz referência à relação entre os indivíduos, e sim à relação do sujeito com seu próprio desejo e meios ou formas de gozo.

Lacan, por sua vez, dá ao tema da Ética e da Moral um tratamento bastante diferenciado. Para ele, a Ética da Psicanálise tem muito pouco a ver com a Ética Filosófica, ela trata do direcionamento da ação humana, sem ser prescritiva, nem universal. Segundo Lacan, a Ética da Psicanálise é subjetiva; ela se coloca em relação ao desejo e aos meios de gozo do sujeito. A análise diz respeito à Ética na medida em que questiona o sujeito em relação a seu desejo: “Agiste em conformidade com o desejo que te habita?” Lacan não nega a existência da consciência moral; porém, ela não faz parte do seu campo de teorização. Ele sabia que a consciência moral não poderia ser excluída da clínica, já que aparece nas falas dos pacientes, articulada ao seu sofrimento. Porém, para ele, a consciência moral fica relegada ao plano do *Imaginário*, em que os objetos são “falsos bens”. O sujeito acredita que esses objetos

poderão resolver o problema de seu desejo, mas não vão, pois não passam de engodos. É bem verdade que isso é de suma importância para a criação do laço social. No entanto, para ele, a Ética da Psicanálise não tem relação com o social. Ela, tal como proposta, tem relação com o desejo e com o gozo do sujeito; é singular e não prescritiva, diferente da Ética Filosófica. A Ética da Psicanálise questiona o sujeito sobre sua ação e sobre seu desejo. Ela, em sua opinião, não ajuíza uma ação, mas considera que elas comportam juízos, podendo, então, contribuir para refletirmos sobre os valores implicados em nossa ação, relacionados com o plano *Imaginário*. Mas, a Ética da Psicanálise não se resume a isso, vai além, interrogando o sujeito sobre seu desejo e sobre suas formas de gozo, produzindo, desse modo, uma mudança de posição subjetiva. Nunca saberemos de fato as implicações da análise senão pela linguagem, pela fala do sujeito que se autoriza a algo.

Certamente, são diferentes os tratamentos dados para a questão da Ética e da consciência moral na Psicanálise e como essas diferenças se apresentam no estabelecimento do processo e de objetivos clínicos em Freud, e Lacan; bem como a diversidade de modelos metapsicológicos existentes na Psicanálise produz diferenças na abordagem teórica da questão da Ética e da consciência moral, e obviamente diferenças nos processos e nos objetivos clínicos. O ponto de ligação entre os autores, no processo clínico, certamente se estabelece por uma base ética semelhante, para ambos os autores, Freud e Lacan, atribui-se ênfase na responsabilidade do sujeito sobre suas ações, mesmo a despeito das influências inconstantes, ou a aceitação da diferença e da singularidade, a neutralidade e a abstinência, bem como a não imposição de valores do analista ao analisado, ou à satisfação dos desejos do analista pelo paciente, por meio do abuso do poder da transferência.

A respeito do campo de intersecção sobre *Ética e Psicanálise*, podemos argumentar que a Psicanálise, assim como a Ética, *dedica-se a investigar os princípios que determinam, orientam e motivam o comportamento moral*; ela se interessa pelos determinantes do comportamento de modo geral. Por outro lado, ela não se propõe, por meio deste processo de investigação, a fundamentar e a definir a natureza do Bem e do Mal, nem propõe um método para distinção e escolha entre um ou outro. E, nesse sentido, analisamos que Foucault assinala uma interligação pertinente entre psicanálise & filosofia.

Partindo da definição de Ética, podemos observar que o interesse da Psicanálise sobrepõe-se apenas a uma parte da atividade da Ética, mas não a ela toda. Considerando que a Psicanálise não se propõe a fundamentar uma Ética, podemos afirmar que a Ética e a Psicanálise são campos distintos de produção de conhecimento, ou, ainda, que a Psicanálise não é uma Ética, tal como essa é definida pela Filosofia. Podemos assinalar que o campo de interseção entre a Ética e a Psicanálise acontece pelo compartilhamento de um campo de interesse, senão o da investigação dos princípios que determinam o comportamento moral.

Nesse sentido, o campo de cruzamento entre a Ética e a Psicanálise, que recai sobre o estudo dos determinantes do comportamento moral, aparece apenas em Freud. Lacan, a seu modo e por razões distintas, nega a existência de tal intersecção. Lacan não define a constituição do bem e do mal, porém afirma que o que há *a priori* é a Coisa, o objeto de desejo que é barrado, a partir do qual se constitui a rede de significantes, marcadas pelas experiências de prazer e de desprazer; de onde podemos compreender que o bem e o mal se constituem a partir de tais experiências.

*A Psicanálise como produto de determinada tradição cultural é outro campo de intersecção entre a Ética e a Psicanálise.* Ao que parece, na relação da Psicanálise com a cultura da qual ela é fruto também contribuiu para sua visão sobre a liberdade de escolha e sobre a responsabilidade sobre a ação. Em Freud e em Lacan, há uma ênfase clara na sobredeterminação inconsciente, embora em nenhum momento afirmem que isso justifica o comportamento, isentando-se de responsabilidade. Por outro lado, acreditam que a sobredeterminação inconsciente explica comportamentos patológicos e antissociais. Na medida em que consideram que o processo analítico pode implicar uma revisão de valores, acreditam que há, para o indivíduo, a possibilidade de escolha e, portanto, a responsabilidade do sujeito sobre as escolhas que determinam suas ações. Nesse sentido, a sublimação aparece com a principal saída entre a ética e a neurose, como conciliação possível.

Lacan introduz a questão da responsabilidade sobre nosso desejo. Diz ele que uma responsabilidade que tem relação com a necessidade (*ananké*), com o Real. Para ele, o sujeito é uma resposta ao Real, portanto, detém uma escolha tolhida. Segue assinalando que a sublimação é a satisfação direta que é alcançada a partir de um outro objeto diferente, distinguindo-a do recalque: o que ocorre na sublimação é

que o objeto é tido como Coisa; ou seja, um objeto comum é elevado à dignidade da Coisa. Ainda que efêmero, a sublimação nos permite atender ao desejo, mesmo que de modo parcial, com objetos disponíveis na realidade. A sublimação somente tem lugar quando nos aproximamos da verdade do desejo e estamos menos engessados num único objeto ou tipo de gozo. “Desse modo, também para Lacan, a sublimação nos permite algum grau de escolha diante da sobredeterminação psíquica e, portanto, um certo grau de responsabilidade por nossas ações.”<sup>253</sup>

Ainda, sobre a relação da Psicanálise com a tradição cultural de que é fruto, poderíamos citar outros tantos pontos, por exemplo, a busca pela verdade e pelo conhecimento de si, o respeito pelo indivíduo pelo fato de ele ser humano<sup>254</sup>, mas não nos debruçaremos neste trabalho. Talvez um estudo posterior possa contemplar essa temática.

*Outro ponto da intersecção entre a Ética e a Psicanálise situa-se na prática clínica.* Embora não tenhamos esgotado no presente trabalho as possibilidades na clínica, certamente, esboça-se que está sendo possível discutir sobre o processo de análise e suas implicações, e a pergunta que permanece é: estaria a análise a promover uma revisão ética ou de valores, ou ainda uma revisão da moral nos dias atuais?

Entendemos que a proposta clínica de Freud parece-nos implicar uma revisão dos valores que foram o ideal do ego e que balizam a renúncia pulsional, na medida em que incluem um trabalho com o superego, visando à diminuição do sentimento de culpa e das resistências. A importância do mito freudiano, a nosso ver, é sustentar a ideia de que a civilização e a neurose têm a mesma origem, a saber, a renúncia pulsional. Uma das consequências dessa hipótese é pensar que os conflitos éticos vividos pelos pacientes são, na realidade, conflitos pulsionais, que podem, portanto, ser tratados em análise. Os conflitos psíquicos, assim como propostos por Freud, ocorrem sempre entre um desejo (expressão de uma pulsão) e uma proibição (seja da realidade, seja do superego), a saber, têm uma natureza essencialmente ética, uma vez que decorrem da necessidade de abdicarmos da realização de certas

---

<sup>253</sup> JUNQUEIRA, Camila. *Ibid*, p.167.

<sup>254</sup> MEZAN, Renato. O psicanalista como sujeito moral. *Tempo de muda: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 204.

pulsões em prol da convivência em comunidade. Desse modo, a revisão de valores que se desenrola numa análise não é uma simples troca de valores “disfuncionais” por outros “funcionais”, do ponto de vista do ego. Trata-se de uma reorganização das forças psíquicas envolvidas nos conflitos, de uma amenização da força inexorável do superego, do aumento da capacidade do ego de gerenciar as exigências da realidade do superego e, também, de processos sublimatórios que nos oferecem objetos substitutivos.<sup>255</sup>

Para Lacan, a análise implica necessariamente uma revisão ética. Não obstante, não se trata de uma revisão de valores ou dos determinantes de nosso comportamento moral, mas sim, de uma reflexão sobre nossa ação a partir de nosso desejo, guiada pela questão: “Agiste em conformidade com o objeto que te habita?”<sup>256</sup>. Ao final do seu seminário sobre a Ética da Psicanálise, Lacan ([1959-1960]1991: 374) vai defini-la em termos de um juízo sobre nossa ação: “Se há uma ética da psicanálise – questão que se coloca -, é na medida em que, de alguma maneira, por menos que seja, a análise fornece algo que se coloca como medida de nossa ação - ou simplesmente pretende isso’. Para ele, a revisão ética que a análise nos proporciona acontece em relação à ação e ao desejo que a habita, em que o imperativo ético é “não ceder do desejo”<sup>257</sup>. Para isso, é necessário conhecer a verdade do desejo; ainda que não se possa atingir a Coisa, é necessário bordejá-la. Ele escreve:

Se a análise tem um sentido, o desejo nada mais é do que aquilo que suporta o tema inconsciente, a articulação própria do que faz com que nos enraizemos num destino particular, o qual exige com insistência que a dívida seja paga, e ele torna a voltar, retorna e nos traz sempre de volta para uma certa trilha, para a trilha do que é propriamente nosso afazer.<sup>258</sup>

A amplitude dos campos citados não se esgota neste trabalho, especialmente porque a Psicanálise é ampla e vasta, em se tratando dos diferentes autores e das interfaces possíveis que ela propõe. Como mencionado ainda na Introdução, é possível discutir acerca de inúmeros temas entre Ética e Psicanálise, entre eles, a

---

<sup>255</sup> JUNQUEIRA, Camila. *Ibid.*, p.167.

<sup>256</sup> LACAN, Jaques. *Ibid.*, 2008, p.

<sup>257</sup> LACAN, Jaques. *Op. cit.*, 2008, p. 373.

<sup>258</sup> LACAN, Jaques. *Op. cit.*, 2008, p. 374.

formação do analista como sujeito moral a partir do seu trabalho; a questão do sigilo; da neutralidade e da abstinência; o poder da transferência para a gratificação narcísica; a imposição de valores ou de ideais do analista ao analisando, entre outros. Mezan<sup>259</sup> assinala outros campos de intersecção que podem ser pontuados num estudo posterior, entre eles o estudo dos fatores que determinam o comportamento moral e sua incidência psíquica; a Psicanálise como produto de uma determinada tradição cultural; os problemas éticos colocados pela prática clínica. *Acreditamos que há ainda um outro campo de intersecção possível entre a Ética e Psicanálise, que se situa em torno da fundamentação da ética*<sup>260</sup> e que certamente é, e pode ser fruto de outros trabalhos pois neste, não esgotamos nenhuma possibilidade de estudo.

---

<sup>259</sup> MEZAN, Renato. Ibid., 1998, p. 204.

<sup>260</sup> JUNQUEIRA, Camila. Ibid., p.169.

## REFERÊNCIAS<sup>261</sup>

AULAGNIER, P. *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

AGAMBEN, Giorgio. “Deus não morreu. Ele tornou-se Dinheiro”. Entrevista com Giorgio Agamben. Entrevista concedida a Peppe Salvà e publicada por Ragusa News, 16-08-2012. Quinta, 30 de agosto de 2012. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>

ALMEIDA, Mariza Pedrosa. Da ética da psicanálise: a dimensão da ética na interpretação. In: *A Ética da Psicanálise: Suas Incidências Clínicas*. II Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira/Sociedade Psicanalítica de São Paulo, 1989, p. 366.

ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. 3. ed. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 128.

\_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p.127.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud: a filosofia e os filósofos*. Trad. Hilton Japiassu, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p.10.

BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. *O impossível do sujeito; implicações do tratamento do inconsciente por Lacan*. Tese de Doutorado, Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1996.

BARTUCCI, Giovanna [org.]. *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001, p. 37.

\_\_\_\_\_, MAURO, Ezio. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_; CUNHA, Eduardo Leal. Vínculos entre modernidade, ética e subjetivação no pensamento de Freud. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte-MG, n. 40, p. 37-48, Dezembro, 2013, p. 38.

BUENO, Cleuza Maria de OLIVEIRA. *Entre-vista – espaço de construção subjetiva*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

---

<sup>261</sup> De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

BOÉTIE, Étienne de La. Discurso Sobre a Servidão Voluntária (1549), 2006, disponível em [http://www.miniweb.com.br/biblioteca/Artigos/servidao\\_voluntaria.pdf](http://www.miniweb.com.br/biblioteca/Artigos/servidao_voluntaria.pdf) , acesso em 10 de janeiro de 2016.

CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. FOUCAULT E LACAN: o sujeito, o saber e a verdade In: *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, v. 2, n. 29, p. 531-544, jul./dez. 2009, p. 533.

CASTRO, Edgardo. *Introdução a Foucault*. Tradução Beatriz de Almeida Magalhães, Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p.105

DARRIBA, Vinicius. A falta conceituada por Lacan: da coisa ao objeto a. *Ágora* (Rio de Janeiro) v. VIII n. 1 jan/jun 2005 63-76.

ENRIQUEZ, Eugène. Psicanálise e ciências sociais. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. VIII n. 2 jul/dez 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v8n2/a01v8n2.pdf>.

FERREIRA NETO, Geraldinho. A ética da psicanálise e a direção da cura. In: HISGAIL. Fani (org.), *14 Conferências Sobre Jacques Lacan*. São Paulo: Escuta, 1989.

FOUCAULT, Michel. *Maladie mentale et personnalité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1954, p. 109.

\_\_\_\_\_. (1984c) O que é o Iluminismo. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (org.). *Michel Foucault (1926- 1984) - o Dossier - últimas entrevistas*. Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora. Curso inédito de Michel Foucault no Collège de France, 1983. Transcrição de Katharina Von Bülow. Dossier Michel Foucault. Publicado originalmente no Magazine Littéraire, 207, maio de 1984, p. 14.

\_\_\_\_\_. (1977). Vidas de homens infames. In: *O que é um autor?* Trad. Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro, Lisboa: Passagens, 1992.

\_\_\_\_\_. *O que é o Iluminismo?* Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Brasília: UNB, 1994, p. 1-13. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/iluminismo.html>.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

\_\_\_\_\_. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 232.

\_\_\_\_\_. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. Lacan, o “Liberatore” da psicanálise. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 329-330.

\_\_\_\_\_. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 40

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 518-9.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 9. ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1966/2007.

\_\_\_\_\_. *Ditos e escritos*, v. I-IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999-2014, p.137-151.

\_\_\_\_\_. (1926-1984). *Ditos e Escritos*, volume IX: *Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*; organização Manoel Barros da Motta. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 270.

\_\_\_\_\_. (1926-1984). *Ditos e Escritos*, volume IX: *Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*; organização Manoel Barros da Motta; Tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 275.

FREUD, Sigmund. *As pulsões e suas vicissitudes*. [1915]. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIV, 1976.

FREUD, Sigmund. (1912-13). *Totem e tabu*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. vol. XIII.

FREUD, S. (1996) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago. (1927): "O futuro de uma ilusão", v. XXI, p.15-16.

FREUD, S. *Psicologia de grupo e análise do ego*. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII, p.81-154, [1921-1996].

FREUD, Sigmund. [1923b] *Dois Verbetes de Enciclopédia*. v. XVIII, In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 253-314.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. [1912-1913]. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Vol. XIII.

FREUD, Sigmund. *El Malestar em la Cultura* [1929/1930]. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Buenos Aires: Biblioteca Nueva, 1996. t. III.

FREUD, Sigmund. Uma questão de *Weltanschauung*: Conferência XXXV. [1932b]. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. José Luís Meuer. Rio de Janeiro: Imago Vol. XXII. 1969, p. 155.

FREUD, Sigmund. *Studienausgabe*. Frankfurt: M., S.Fischer Verlag, 1969-a. v. I, p.516.

FREUD, S. Die Zerlegung der psychischen Persönlichkeit. [Conferência 31]. In: \_\_\_\_\_ . *Studienausgabe*. Frankfurt: M., S.Fischer Verlag, 1969-a. v.. I.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p.88-9.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

\_\_\_\_\_. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

JERUSALINSKY, Alfredo Nestor; MEZAN, R. Que tipo de ciência é a Psicanálise. Longe da ortodoxia e do ecletismo. *Revista Percurso*: São Paulo, 2007. p. 136 – 137.

JULIEN, Philippe. *O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.172.

JUNQUEIRA, Camila. *Ética e consciência moral na Psicanálise*. São Paulo: Via Lettera: FAPESP, 2006.

\_\_\_\_\_. Ética e Consciência Moral: a teoria, a clínica e o outro. In: *Impulso*, Piracicaba, 21(52), 7-18, jul.-dez. 2011.

KEHL, Maria Rita. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. O espetáculo como meio de subjetivação. In: Bucci, E. & Kehl, M. R. *Videologias: ensaios sobre televisão* (p.43-62). São Paulo: Boitempo, 2004, p. 50-1.

LACAN, Jaques. Le Séminaire. *Livre 2: Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse* (1954-1955). Paris: Seuil, 1978, p. 261-262.

\_\_\_\_\_. (1958-1959). *Le désir et son interprétation – Séminaire 1958 - 1959*. Inédito. (Consultado na versão digital da Association Freudienne Internationale), p.627.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, 1954-55*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. *Seminário IV: a relação de objeto [1956-1957]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 218.

\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995, p.15.

\_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.11.

\_\_\_\_\_. (1998). *Le séminaire. Livre 5: Les formations de l'inconscient (1957-1958)*. Paris: Seuil, p. 320.

\_\_\_\_\_. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 37.

\_\_\_\_\_. O estádio do espelho como fundador da função do eu, In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1949/1998, p.96-103.

\_\_\_\_\_. (1963). *Kant com Sade. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.776.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-60)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LALANDE, A. [1926] *Vocabulário Técnico e Crítico de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes: 1999.

LAPLANCHE, J. *A psicanálise como anti-hermenêutica*. (Luís Maia, Trad.). *Psicanalítica*. Vol. 3 (3), 1995, p.71-86.

LAZNIK-PENOT, Marie-Christine. A construção do conceito de gozo em Lacan. *Percurso*, IV (8), p.5-8, p.7.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A antropologia diante dos problemas do mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*. Barueri, SP: Manole, 2005a.

\_\_\_\_\_. *A Sociedade Pós-Moralista: O crepúsculo do Dever e a Ética Indolor dos Novos Tempos Democráticos*. Barueri: Manole, 2005b.

MELMAN, Charles. O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço: Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun.. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

MEZAN, Renato. O psicanalista como sujeito moral. *Tempo de muda: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 204

MOUAMMAR, Christiane Carrijo Eckhardt. *Psicanálise e ética: uma reflexão*. Piracicaba: Impulso, 21(52), 99-101, jul.-dez. 2011.

PACHECO, Olandina M. C. de Assis. *Sujeito e singularidade: ensaio sobre a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 56.

PALOMBINI, Analice de Lima. Decifra-me ou te devoro! Notas sobre o desassossego nas relações entre psicanálise e epistemologia. In: *Revista da associação psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 1995. n.18.

RAFAELLI, Rafael. Nota sobre a metapsicologia freudiana. In: *Revista Internacional Interdisciplinar INTERTHESIS*, V.4 No1. Florianópolis, jan/jun. 2007. p. 2-7. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/download/890/10848>. Acesso em 16 de junho de 2015.

RAJCHMAN, John. *Eros e verdade: Lacan, Foucault e a questão da ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RINALDI, Doris. *A ética da diferença*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ROUANET, S. P. Mal-Estar na Modernidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, vol. XXXI, n.1, 2007.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ROUDINESCO, Elisabeth, 1944 - *Filósofos na tormenta: Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida / Elisabeth Roudinesco; tradução, André Telles*. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p. 9-10.

SEGANFREDO Gabriela de Freitas Chediak; CHATELARD, Daniela Scheinkman. "Das Ding: o mais primitivo dos êxtimos". *Cad. Psicanál.- CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, p. 61-70, jan./jun. 2014, p.62.

STRAUSS, Claude Lévi. A eficácia simbólica. In: *Antropologia estrutural*. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

TERRAZAS, José Gutiérrez-. O conceito de pulsão de morte na obra de Freud. *Ágora* v. V n. 1 jan/jun 2002, p. 8.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&nrm=iso)>.

VALAS, Patrick. *As dimensões do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 64.